



Origem

Soberana Magazine





PRIMEIRAS ÓPTICAS®
BY PEDRO PACHECO

SERVIÇO PICK UP & DELIVERY

Adquira as suas lentes de contacto e líquidos de manutenção na nossa nova loja online e receba confortavelmente em sua casa.



Atendimento

Por marcação
e inteiramente personalizado



Entregas

Serviço de entrega
de encomendas em sua casa



Loja Online

Nova loja online
de lentes de contacto



Marcações

Pelo tel: 241 397 948
ou pelo nosso site

Melhorámos a nossa loja a pensar em si!



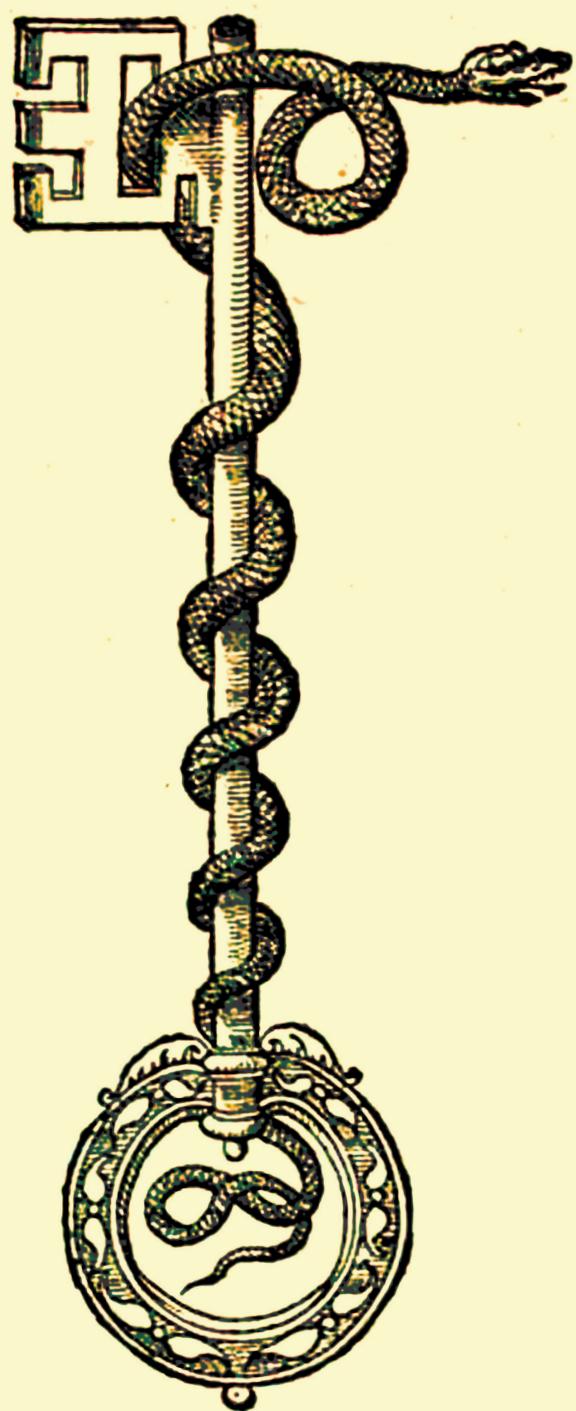


PRIMEIRAS OPTICAS®
BY PEDRO PACHECO

Na nossa loja cumprimos todas as recomendações da DGS,
e saúde nos estabelecimentos de óptica.

para a manutenção das regras de higiene

Scilicet is superis labor est.





Editorial

As Palavras e os Atos

Os atos sempre os praticámos, seja na defesa da dignidade humana, seja na proteção e ajuda aos mais desfavorecidos, seja na procura da construção de uma sociedade mais justa, solidária em que prevaleçam os valores humanos fora das "hipotecas" materiais.

Agora passámos às palavras, que sempre tivemos, mas hoje consubstanciando as ideias e os valores naquelas que mais força têm, até pela sua capacidade de permanecer e sobreviver ao devir do tempo: as palavras escritas.

Assim nasce a Origem, a revista da Grande Loja Soberana de Portugal, uma publicação que queremos transversal nas suas temáticas, nas suas gentes, que construa pontes entre o sagrado e o profano, que contribua para a sedimentação de valores humanistas, para o combate aos extremismos, para a dignificação da condição humana - independentemente de credos, convicções ou estrutura de valores - e para a construção de uma sociedade mais justa, contribuindo também, de forma isenta, para conter o processo de aculturação provocado pelo excesso de informação falsa, manipulada ou doutrinada, capaz de inibir a nossa capacidade de reação individual, aumentando a nossa dependência da memória coletiva que suporta os comportamentos de grupo.

E sabemos que a memória coletiva tem duas faces distintas: se, por um lado, é um reforço fundamental na afirmação da identidade (de um povo, de uma causa, de uma instituição) é, por outro, terreno fértil para afirmação de práticas doutrinais - mesmo que estas sejam ou conduzam a efeitos perversos.

Particularmente hoje, nos tempos que vivemos, cabe-nos a todos, aos homens bons, estar vigilantes no alentar das duas maiores fraquezas humanas: o medo e a ignorância. Porque é ai que se constroem os terrenos férteis para as demandas populistas e de propósitos totalitários na incessante procura de corromper os valores de uma sociedade justa e socialmente igualitária.

E aqui assume particular relevância, não só a ação dos Homens, mas a tradução dos seus atos nas palavras, nas palavras escritas. Para que dúvidas não fiquem...

José Manuel Caria



Ficha Técnica

Origem - Soberana Magazine

Edição Julho/Setembro de 2020
Nº de Registo na ERC: 127460

Av. João Crisóstomo, 77 B
1050-126 Lisboa

www.glsp.com.pt

Diretor
José Manuel Caria (CPTE-554)

Diretor Adjunto
Fernando Correia (CPTE-809)

Editor Fotográfico
Tomás Arantes

Direcção de Arte, Design e Paginação
Catarina Redol · Creative Thinking

Edição impressa
Julho/Setembro de 2020
Tiragem: 1500 Exemplares
Impressão: Imprimir com Arte
Depósito legal: xxxx
Distribuição nacional e internacional

Editor e Proprietário
João Pestana Dias
Grande Loja Soberana de Portugal - Associação
Av. João Crisóstomo, 77 B
1050-126 Lisboa
NIF: 514 991 437

ÍNDICE

As Palavras e os Atos José Caria	- 06
O Nossa Estatuto Editorial	- 10
Podcast da Soberana. É um “Assunto Sério”	- 12
SOBERANA. A Nova Ordem Maçónica João Pestana Dias	- 16
Carta do Grão Mestre João Pestana Dias	- 22
A Hipérbole Nuno Garoupa	- 24
Oportunidade de Uma Vida Marco Silva	- 26
Cidadania, Intervenção Cívica e Política Miguel dos Santos Pereira	- 28
Coronavírus e Imunidade Manuel Pinto Coelho	- 30
«L'Origine » et son mystère selon Jacob Boehme Jean-Marc Vivenza	- 32
Saúde Mental e Covid-19 Alberto Santos	- 36
A Família de Acolhimento Orlando Gomes Orlando Dias Gomes	- 38
Os Sem Abranço. Uma Realidade Invisível João Gonçalves	- 42
Solstício de Verão: A Festa da Vida Fernando Correira	- 46
No Museu dos Coches Fernando Correira	- 52
Nature First Green is Gold Luís de Matos	- 54
Talhar o Simples Bruno Neto	- 56
Da Experiência da Iniciação Fred Antunes	- 58
Rito Português. Um Reflexo Identitário Fernando Casqueira	- 60
Cromatismo do Jazz: 90 anos a Desafiar João Moreira dos Santos	- 68
Ouvir ou Escutar Música Vasco Lima	- 72
Portugal, Razão e Mistério - a Magnun Opus de António Quadros Paulo Toste	- 76
Os Desafios do Antropoceno João Gonçalo	- 78
Almada Negreiros - O Pintor do Descompasso Fernando Correia	- 82

O Nosso Estatuto Editorial

A Revista Origem - Soberana Magazine – uma publicação com periodicidade trimestral e com edição impressa e digital – representará um dos pilares âncora do projeto editorial da Grande Loja Soberana de Portugal.

A Revista Origem - Soberana Magazine será um dos principais veículos de comunicação da Grande Loja Soberana de Portugal, corporizando, de forma inédita e pela primeira vez no nosso país, um projeto editorial que terá por objetivo estruturar toda a sua comunicação vocacionada para o universo exterior.

Trata-se de um projeto editorial dirigido para todos os portugueses, lusodescendentes e também comunidades lusófonas, que vivam e trabalhem no estrangeiro, independentemente da sua condição de maçons ou não.

Pretende-se assim contribuir para a afirmação de Portugal, da Cultura e da Língua portuguesa, desenvolvendo um projeto editorial de referência - consubstanciando várias áreas temáticas - pautado pelo rigor, profissionalismo e isenção da sua informação, mas também de livre exercício crítico na defesa de um Portugal melhor.

O projeto editorial estruturará alguns eixos temáticos fundamentais:

Contribuir para um maior conhecimento das organizações maçónicas e do seu universo, bem como de toda a ação desenvolvida em prol da construção de uma sociedade melhor, mais justa e equilibrada;

Difundir a cultura do espírito e ampliar o conhecimento sobre a história da maçonaria operativa;

Contribuir para uma análise isenta e uma informação credível e mais alargada sobre todos os acontecimentos nacionais e internacionais que afetem, interessem ou motivem, em particular, todos os cidadãos nacionais independentemente dos seus credos ou convicções;

Defender os valores da democracia pluralista e solidária, a diversidade de opinião, mas sem prejuízo de podermos assumir posições próprias, mas na estrita observância do princípio de que os factos inalteráveis e as opiniões livres, devem ser inequivocadamente separadas;

Contribuir para a divulgação e promoção da Língua e da Cultura Portuguesa.



Estatuto Editorial

A Origem – Soberana Magazine é uma revista de informação trimestral que procura articular a sua ação orientada por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência ideológica, política e económica ou de outra natureza.

A Origem – Soberana Magazine tem por objetivo contribuir para um maior conhecimento das organizações maçónicas e do seu universo, bem como de toda a ação desenvolvida em prol da construção de uma sociedade melhor, mais justa e equilibrada.

A Origem – Soberana Magazine corporiza um projeto editorial vocacionado para todos aos portugueses, lusodescendentes e também comunidades lusófonas, que vivam e trabalhem no estrangeiro, independentemente da sua condição de maçons ou não, destinando-se a um público de todos os meios sociais e de todas as profissões.

A Origem – Soberana Magazine pretende igualmente contribuir para uma análise isenta e uma informação credível e mais alargada sobre todos os acontecimentos nacionais e internacionais que afetem, interessem ou motivem, em particular, todos os cidadãos nacionais independentemente dos seus credos ou convicções.

A Origem – Soberana Magazine assume, perante os seus leitores, a responsabilidade de informar de forma imparcial, isenta e transparente, autónoma e independente de poderes particulares e de quaisquer grupos de pressão.

A Origem – Soberana Magazine procura a verdade e subordina-se aos factos sem nunca se deixar condicionar por interesses ou por qualquer lógica de grupo. A revista é apenas responsável perante os seus leitores.

A Origem – Soberana Magazine defende que uma opinião pública informada, ativa e interveniente é fundamental para o funcionamento da democracia, recusando fixar fronteiras e limites, sejam regionais, nacionais ou de outra natureza, tanto ao nível da informação, como da opinião.

A Origem – Soberana Magazine procurará sempre novas possibilidades técnicas e tecnológicas, na busca de um jornalismo dinâmico, eficaz e criativo e em constante ligação e interação com os leitores, posicionando-se sempre na linha da frente do processo de mudanças tecnológicas e relacionais.



Podcast da Soberana

É um “Assunto Sério”

Lançado em 2109, o podcast é semanal a aborda temáticas transversais a toda a nossa sociedade. Está disponível semanalmente no Spotify e Soundcloud.

Há cerca de um ano foi criado o podcast da Grande Loja Soberana de Portugal, com a finalidade de transmitir informação importante à sociedade civil e aproveitando um instrumento de trabalho, compatível com as redes sociais, de fácil acesso em todo o Mundo.

De alguma maneira teve influência na sua criação a cada vez maior utilização da língua portuguesa, a nível global, tornando - se no quarto idioma mais falado em todo o planeta, sendo mesmo língua oficial em alguns países, para além de ser utilizada nos núcleos portugueses, brasileiros e africanos (principalmente estes) em diversos pontos do Mundo.

O podcast é semanal e transversal a toda a sociedade, não sendo, por isso, uma exclusividade dos maçons. Pelo contrário, a ideia subjacente à sua criação teve a ver com a necessidade de serem tratados temas sérios por todas as pessoas, sejam elas aquilo que forem e pensem o que pensarem. Fazia, portanto, sentido criar uma ferramenta de ajuda, de apoio e de esclarecimento.

O podcast está disponível semanalmente no spotify, soundcloud e o endereço para que seja possível obter feedback dos temas tratados é podcast@glsp.pt

Podem mesmo ser sugeridos temas através deste endereço de e-mail.

A tal propósito é possível dizer que Lisboa é a cidade que tem mais ouvintes, logo seguida por São Paulo (Brasil), Porto e Toronto (Canadá).

Vale a pena recordar que o primeiro podcast teve como convidados João Pestana Dias, Grão - Mestre da GLSP e Luís Matos, autor, sendo tratado o tema “Maçonaria e Cidadania”. Esse primeiro podcast teve a duração de 35 minutos e foi tão bem recebido que jamais foi interrompida a sua transmissão, a não ser no período das festas natalícias de 2019, final da primeira série.

Até agora já foram transmitidos mais de 45 podcast, sempre com convidados diferentes, ligados ou não à maçonaria, tornando - se relevante referir que, na sua grande maioria, os convidados não têm mesmo a mínima relação com a maçonaria, respeitando - a apenas.

Alguns convidados que deixaram marcas de sabedoria e partilharam informação relevante foram: Fernando Casqueira; Bruno Neto; Paulo Toste; Rui Lomelino de Freitas; Cónego Fernando Ventura; Coach Heitor Fox; Tomás Conti; David Annen; Fred Antunes; António Saraiva, Presidente da Confederação Empresarial de Portugal; Nuno Garoupa; Tomaz Metello; Stephen Morais; Marco Silva; Nelson Olim e Luís Miguel Neto.

Os podcast cumpriram já duas temporadas (Setembro a Dezembro de 2019 e Janeiro a Julho de 2020). A terceira série começou já a ser transmitida em Setembro, no início do novo ano maçónico.

Mesmo com a suspeição natural de quem recomenda, o “Assunto sério” é algo que vale a pena ouvir!

imprimir® COM A R T E



AGÊNCIA DE PUBLICIDADE

216088810 / 912803055

www.imprimircomarte.com

ch@imprimircomarte.com

IMPRESSÃO DIRECTA DGTS SOBRE TÊXTIL

IMPRESSÃO GRANDE FORMATO

ESPECIALISTAS EM PAPEL DE
PAREDE PERSONALIZADO

PEQUENO FORMATO

BRINDES PERSONALIZADOS

TODO EM IMPRESSÃO
DIGITAL E OFFSET

EXPLORE YOUR
Creativity

CRIAÇÃO PÁGINAS WEB/LOJAS ONLINE

CAMPAÑHAS PARA REDES SOCIAIS

CAMAPANHAS GOOGLE ADWORS

DESIGN GRÁFICO DEDICADO

CRIAÇÃO E GESTÃO DE CONTAS AMAZON

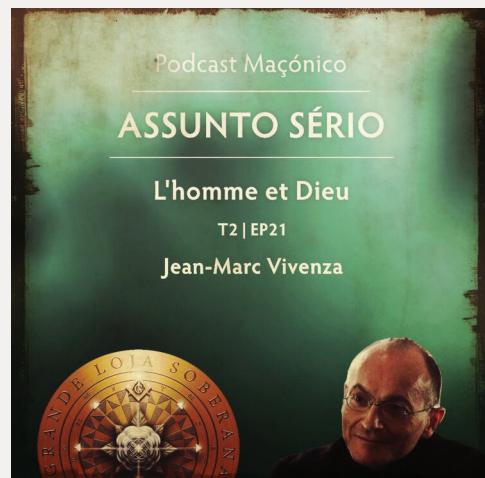


1^a Episódio do “Assunto Sério” em Francês

Devido ao êxito alcançado pelo Podcast “ASSUNTO SÉRIO” e pelo elevado número de países onde é escutado, a GLSP tem recebido inúmeras solicitações para que o mesmo possa, por vezes, transmitir conteúdos noutras línguas.

Assim, o passado dia 7 de junho, assinalou para todos um momento histórico, uma vez que, pela primeira vez, o Podcast foi gravado em francês.

O convidado foi Jean-Marc Vivenza, Sérénissime Grand Maître National & Grand Prieur du Directoire National Rectifié de France-Grand Directoire des Gaules.



1^a conferência sobre Liderança

A 1^a Conferência sobre Liderança foi uma das iniciativas desenvolvida já este ano pela Grande Loja Soberana de Portugal e que se inscreve num quadro mais vasto de iniciativas que serão levadas a palco nos próximos tempos, contribuindo para o debate e reflexão de temas que atravessam a nossa atual conjuntura política, económica social e cultural, quer no plano nacional, quer no nível internacional.

A organização desta primeira Conferência sobre a Liderança, um tema bastante atual nos tempos conturbados que vivemos a nível global, refletiu também a obrigação da Maçonaria de levar a todos (Maçons e à sociedade em geral) o debate sobre temas que podem e devem Unir os Portugueses.

Numa conferência aberta ao público, houve “casa cheia” e os lugares existentes não foram suficientes para tanto público, que assistiu a um interessante debate onde se falou de exemplos desde o Papa Francisco até Nelson Mandela.

Os oradores convidados foram o teólogo e biblista Frei Fernando Ventura e o jornalista António Mateus, autor do mais reconhecido programa de televisão portuguesa de relações internacionais “Olhar o Mundo” da RTP e homem próximo de Mandela durante muitos anos. Esta conferência está também disponível na íntegra no Podcast Assunto Sério da Soberana.





CONSIDERED
THE MOST INTERNATIONAL
EVENTS COMPANY IN PORTUGAL

We are a collective of artists, designers, developers, dreamers and thinkers who empower brands with breathtaking experiences, products and ideas.





Formamos
Maçons, que
o são, todos os
dias e que não
se esquecem
do juramento
que fizeram,
de se tornar
Homens
melhores.
A Maçonaria
é pois o
“Ginásio da
Alma”.

SOBERANA

A Nova Ordem Maçónica

por João Pestana Dias

A Soberana é uma forma nova e moderna de viver a Maçonaria, preparada para os desafios do séc. XXI, ancorada na história, mas virada para o entendimento de como os valores maçónicos universais podem florescer e dar sentido às mais importantes questões filosóficas do nosso tempo.

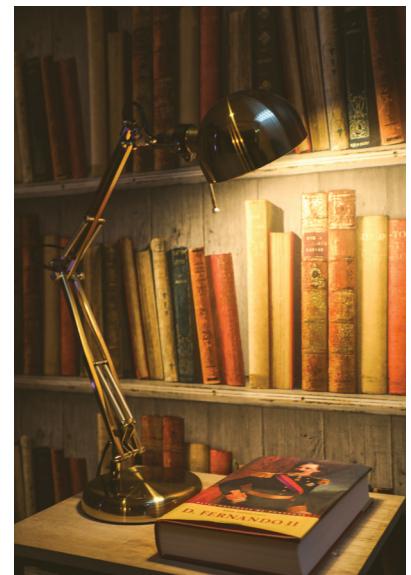
Formamos Maçons, que o são, todos os dias e que não se esquecem do juramento que fizeram, de se tornar Homens melhores. A Maçonaria é pois o "Ginásio da Alma". Na Soberana não criamos discípulos, formamos Mestres!

De facto a SOBERANA nasceu para ser a Nova Maçonaria Portuguesa.

A condição inicial por nós estipulada era ser a de sermos a Obediência Maçónica com o mais curto mandato de Grão-Mestre em Portugal, pelo facto de termos assistido ao que o Poder em demasia faz aos homens. Se Vasco da Gama foi e regressou da Índia em 2 anos, porque não haveríamos de ser capazes de fazer obra em 24 meses? Mas, edificada a primeira pedra, fazer obra é uma corrida sem meta à vista e, assim, neste mês de Setembro, em que completei 2 anos à frente da SOBERANA, é com enorme prazer que passo o Malhete ao novo Grão-Mestre.

A Grande Loja Soberana de Portugal ou simplesmente SOBERANA é a materialização da realidade trinitária, sabiamente celebrizada por Fernando Pessoa na citação : Deus Quer, o Homem Sonha e a Obra Nasce.

Deus Quis, Nós fizemos a nossa parte e hoje dois anos após a nossa consagração, podemos com segurança afirmar que a Obra está viva!



*«A Grande Loja
Soberana de Portugal
ou simplesmente
SOBERANA é a
materialização da
realidade trinitária,
sabiamente celebrizada
por Fernando Pessoa
na citação : Deus
Quer, o Homem Sonha
e a Obra Nasce.»*

Ordem

«*Falo do Portugal de Pessoa, em que o verdadeiro Português não é só Português, é Universal!*»

«*Falo do Portugal do 5º Império. O império do Espírito materializado na acção.*»

Porquê SOBERANA?

Porque embora sejamos uma Maçonaria Regular, ou seja, cumprimos de forma escrupulosa os Landmarks Maçónicos aceites pela Maçonaria Universal, a nossa actividade não é limitada por receios subservientes.

PORUGAL é para nós um pilar fundamental. E embora pareça um lugar comum, a nossa Pátria é mais do que um simples País. É um ser vivo. É importante compreender que este Portugal de que falo nada tem a ver com condenáveis nacionalismos ou chauvinismos. Muito pelo contrário. Falo do Portugal de Pessoa, em que o verdadeiro Português não é só Português, é Universal! Falo dum povo que consegue levar cultura e trazer cultura de outros povos. Falo do Português que assimila e é assimilado. Falo do Portugal do 5º Império. O império do Espírito materializado na acção.

Os Homens são do tamanho dos seus sonhos e as Maçonarias também. Se assim não fosse, nunca teria sido possível a Portugal fazer os Descobrimentos e ter efectuado a 1ª Globalização. Ao Maçom desta Nova Maçonaria é exigida uma religação à essência, de uma forma muito pragmática.

A abertura gradual da nossa Obediência à sociedade civil é a nossa contribuição à Maçonaria Portuguesa, para a dignificação do nome do Maçom em Portugal.

A Maçonaria só faz sentido existir se os Maçons retribuírem à sociedade os ensinamentos que a Obediência lhes proporciona. É por isso que o caminho que temos percorrido é de uma abertura gradual à sociedade, sem nunca quebrar a confidencialidade que os landmarks maçónicos obrigam, à semelhança do que as mais avançadas maçonarias internacionais fazem, como a Inglesa, a Francesa e Americana. As nossas lojas não são discretas nem secretas. As nossas reuniões são Íntimas, como são Íntimas as reuniões de familiares ou amigos. A nossa acção é no mundo, fora de portas.

Queremos ver o mundo como ele pode ser e não como ele é. É por isso que o Futuro nos interessa, porque é lá que vamos passar o resto da nossa vida. É tempo do nº 8, o número de Portugal, de Cristo e da MENSAGEM. Este é o Tempo dos Tempos e é o nosso Tempo. Não temos outro. Por isso construamos no tempo e na história, a realidade. A maçonaria é também uma realidade do tempo presente. Somos a Maçonaria de Pessoa e Camões, de Teixeira de Pascoaes, Lima de Freitas, António Telmo, Padre António Vieira e Agostinho da Silva.

Os dois Pilares da SOBERANA são a Solidariedade activa e esclarecida e a Educação holística. Solidariedade é dividir. Só o Amor Fraterno pode ser dividido e mesmo assim multiplicado. Não somos uma instituição de caridade. O nosso desejo é ajudar os outros a ajudarem-se a si próprios. Como diz o ditado popular, preferimos “ensinar a pescar, do que dar o peixe”. Entendida no sentido holístico, defendemos uma educação para a liderança, responsabilização, cidadania e para o exemplo. O acto de educar é para nós uma função de quem aprende e não de quem ensina. Seremos agentes do despertar de consciências.

A Maçonaria é universal e chegou até nós vinda da Europa. Hoje temos correntes de MATRIZ inglesa, francesa, escocesa e americana; faltava uma Maçonaria Portuguesa, SOBERANA e independente, capaz de responder aos DESAFIOS de Portugal, a pensar o nosso futuro mais focada no horizonte de um mundo novo do que no passado. Por isso somos a Nova Maçonaria. A do RITO PORTUGUÊS.

Não somos mais uma Maçonaria. Não viemos somar. Não viemos dividir. Nós viemos para MULTIPLICAR. Não é mais uma, é a SOBERANA. A nova Maçonaria, para um tempo novo e homens novos, que sabe o que quer e para onde vai.

Focada na OBRA e menos preocupada com a imagem pública, atenta à Arte e à sofisticação e menos importada com o brilho que engana. Se a Maçonaria em Portugal fosse música, a que se tem feito é clássica ou de câmara, mas a Soberana é fado, coração e sentimento vibrante.

Quantos somos? Somos poucos. Como não somos um partido e não fazemos política não queremos mudar Portugal, queremos mudar OS PORTUGUESES. Queremos devolver-lhes a dignidade, queremos recordar-lhes como mudamos o mundo no passado e é mudando-nos que construímos o futuro. Há mais de 10 mil maçons em Portugal mas a Obra que nos espera é tão grande que somos sempre poucos. Poucos se fizeram ao mar nas Descobertas, poucos ouviram António Vieira, poucos leram Fernando Pessoa, poucos sabem o hino nacional, poucos conseguem descrever a nossa bandeira de olhos fechados. Somos poucos. Mas cada um tem a força de multidões.

Na Maçonaria não se procura a expressão da concórdia universal do mundo. Somos uma Obediência Maçónica. A Maçonaria não existe para levar o Homem ao reino dos Céus mas sim para salvar a humanidade do Inferno.

Que passado queremos ter daqui a 10 anos? Poderemos ser mais idosos mas não mais velhos. Ser velho é ter a incapacidade de aprender e de sonhar, porque as mentes são como os paraquedas. Só funcionam quando estão abertas. Por isso mais vale ter rugas na testa do que na alma.

«Queremos ver o mundo como ele pode ser e não como ele é. É por isso que o Futuro nos interessa, porque é lá que vamos passar o resto da nossa vida. É tempo do nº 8, o número de Portugal, de Cristo e da MENSAGEM. Este é o Tempo dos Tempos e é o nosso Tempo.»

O QUE FOI FEITO - Quem sabe, faz a Hora. Não espera acontecer!

Como Hermes Trimegisto disse “pelas minhas Obras me conhecereis”.

A Vida é muito curta para ser pequena! A única que levamos da vida... é a vida que levamos.

Fazer é o nosso designio. Somos do tamanho dos nossos Sonhos e temos sonhado muito e acordados.

Quando morrermos, no dia do juízo final, Deus vai-nos chamar a um canto e perguntar : “Porque é que fez o que fez. Porque é que não fez o que não fez. Porquê ? Alguns esperam morrer para responder. Mas a Maçonaria ensina a responder em vida.

“Alcançam aqueles que não se cansam”. A ideia de um mundo melhor exige um optimista crítico. A Estética é diferente da Ética.

Façam o Bem. Os líderes têm essa obrigação. O Maçom tem essa Obrigação depois de ter sido Iniciado. O Bem sem uso é quase que criminoso. É como um bom livro abandonado numa prateleira, sem nunca ter sido lido. É por isso que nestes tempos difíceis a nossa Conta Solidária foi utilizada até à exaustão.

Estes dois primeiros anos da nossa SOBERANA, em que tive o privilégio de “estar em Grão-Mestre”, tive o Dever mas também o sorriso. O Dever e o Sorriso devem ser sempre que possível compagináveis. Ao primeiro não se deve faltar. Ao segundo não se pode perder. Dizia o nosso Irmão Almada Negreiros que a “Alegria é a coisa mais séria do mundo”.



“Alegria é a coisa mais séria do mundo”

Almada Negreiros

Como qualquer grande obra, tivemos os nossos cabos Bojador com as suas dores, os seus Adamastores tenebrosos e os seus cabos das tormentas. Valeu a pena? Tudo vale a pena quando a alma não é pequena.

Começamos como começaram as obediências mais representativas em Portugal mas em dois anos nenhuma delas tinha conseguido o que já conseguimos. Isto não significa nada mais do que acabei de dizer. Não somos melhores ou piores. Somos diferentes. Somos a nova Maçonaria Portuguesa.

É fundamental que quem faça parte da SOBERANA sinta nos ombros o peso dessa responsabilidade, desse dever. É fundamental que as nossas lideranças interpretem esse desígnio e o ponham em prática, porque fazer acontecer é a derradeira prova do conhecimento. Tudo o resto são meros sonhos e ilusões adiadas.

Sabemos muito bem para onde vamos. Para onde queremos ir. Porque essencialmente sabemos donde viemos e qual o caminho que não queremos trilhar.

A pergunta que temos de fazer não é “PORQUÊ”, mas sim, “PARA QUÊ”. O Maçom da SOBERANA está na Maçonaria para ser a melhor versão de si próprio. Para aumentar o seu parmetro vibratório.



Temos a Matéria:

Se acelera fica Energia.

Se acelera transforma-se em Luz.

Se acelera transforma-se em Desconhecido/Mistério.

Se acelera transforma-se em Espírito.

Se acelera ainda mais transforma-se em DEUS.

Somos o que somos, porque fomos o que fomos!

Mas somos porque quisemos. Seremos enquanto quisermos. É no calor das chamas que a matéria revela a sua verdadeira essência.

Este é um momento único. Plural na mensagem e Singular no sentido.

A existência comum é finita. Todas as coisas que nascem morrem. Todas as coisas que começam têm um fim. O Sagrado transcende estas regras e eleva-nos a um nível metafísico.

Há, no entanto, algo que não está sujeito a estas regras, como o Amor e a Fraternidade. Foi também para isso, que esta Obediência nasceu.

Por isso se queremos fazer Obras infinitas, ou seja algo que dure para além da nossa vida finita, temos de construir algo que tenha uma componente metafísica e fazer com que aqueles que nos seguem as possam prolongar.

Disse!

Fiducia concors.



*Les Rommeins devant le Prince, Empereur, ou Chef
d'armee , portoient aussi en enseigne une Main : ainsi
que*



Carta do Grão Mestre

por João Pestana Dias

A Grande Loja Soberana de Portugal ou simplesmente SOBERANA é a materialização da realidade trinitária, sabiamente celebrizada por Fernando Pessoa na citação: Deus Quer, o Homem Sonha e a Obra Nasce.

Deus Quis, Nós fizemos a nossa parte e hoje, dois anos após a nossa consagração, podemos com segurança afirmar que a Obra está viva! Onde houver verdadeiros Obreiros há Obra. Foi isso que aconteceu durante 730 dias.

Iniciámos o programa Pop Up Solidário numa colaboração intensa, criativa e eficaz com os sem-abrigo, pusemos em prática o nosso plano de Educação, Instrução e Formação para Maçons. Participámos de forma activa com vários Obreiros, na 1ª Pós Graduação em Maçonaria e Sociedades Iniciáticas levada a cabo em Portugal e ministrada pela UAL-Universidade Autónoma de Lisboa. Organizámos Cursos de Geometria e Numerologia Sagrada, Visitas de Estudo, Conferências com ilustres oradores. Iniciámos a nosso plano de comunicação com o programa "Conversas da Soberana"/You Tube e com o Podcast "Assunto Sério", uma inovação na forma de comunicar no panorama maçónico nacional e o mais ouvido Podcast do género na Península Ibérica e já com milhares de ouvintes em todo o mundo. Inaugurámos um dos mais bonitos Templos Maçónicos em Portugal, abrimos uma Biblioteca e encetámos uma colaboração com a editora Zéfiro e com a famosa Loja de Investigação inglesa "Quator Coronati". Patrocinámos o concerto comemorativo do bicentenário do nascimento da Rainha D.Maria II no icónico Museu dos Coches e fizemos 2 "Open Houses" com Pintura e Poesia, onde tivemos mais de 370 convidados no Templo Portugal.

«*Deus Quer,
o Homem Sonha
e a Obra Nasce.*»

Fernando Pessoa

Viabilizámos protocolos com a Comunidade Hindu, Muçulmana e Judaica. Fomos alvo das maiores reportagens televisivas alguma vez feitas em Portugal a uma só Maçonaria (SIC e TVI) que granjeou mais de 3 milhões de telespectadores. Trouxemos por isso de volta a dignidade ao Maçom em Portugal, que há mais de 20 anos era apresentado de forma recorrente na comunicação social, como envolvido em redes de influência política e económica. Abrimos Lojas do Rito Português no Brasil, aumentámos o nº de Lojas em Portugal, promovemos a Educação Ambiental junto de crianças desfavorecidas, fomentámos a ajuda humanitária a crianças na Venezuela e, durante a quarentena Covídica, estivemos na rua socorrendo os sem-abrigo e Lares de 3ª Idade. Recebemos dezenas de Irmãos que nos visitaram vindos de todo o mundo e firmámos vários Tratados de Amizade com obediências regulares estrangeiras. Hoje lançamos a nossa Revista, a SOBERANA Magazine, que pretende afirmar-se como um marco na imprensa maçónica mundial. Enfim, dá muito trabalho ser a Nova Maçonaria Portuguesa, mas "tudo vale a pena quando a alma não é pequena" e a nossa é do tamanho dos nossos sonhos.





*“Dos melhores
do mundo ao
milagre. Do povo
mais virtuoso à
luz da Europa.
Das glórias
do passado à
potência mais
tecnologicamente
avançada no
futuro.”*

A Hipérbole

por Nuno Garoupa

Professor da George Mason University

No novo normal que vivemos, a política portuguesa aderiu entusiasticamente ao discurso hiperbólico que Belém tem promovido desde o início do seu mandato. Dos melhores do mundo ao milagre. Do povo mais virtuoso à luz da Europa. Das glórias do passado à potência mais tecnologicamente avançada no futuro. De sentinela das virtudes lusotropicas à sociedade mais justa do planeta. Da melhor democracia ao regime político unanimemente elogiado pelo mundo fora.

Este discurso não será completamente novo. Na verdade, encontra amplas referências na semântica patriótica do Estado Novo, vive do mito do Quinto Império, recupera a esperança de um futuro melhor dentro da União Europeia (então CEE), densifica o otimismo que faz bem a Portugal, tão na moda antes da crise de 2011. A hipérbole é a EXPO98 sem a EXPO98.

O milagre tem os seus benefícios, obviamente. É a política da emoção. Esconde a realidade, apelando ao coração e à alma. Na incerteza de um vírus malvado, sem cura, a hipérbole oferece segurança a quem convive mal com a incerteza. Tranquiliza os espíritos mais irrequietos. Apela a uma fé sem limite no poder político. Anima uma visão redentora de uma nova realidade que é ainda incompreensível.



Mas a retórica hiperbólica tem os seus inconvenientes. Permite ganhar tempo, mas não muda a realidade e ganhar tempo só faz sentido como antecipação de uma nova realidade. Sem uma nova realidade, a retórica hiperbólica gera e acarinha inevitavelmente frustrações, que a prazo se transformarão em mais desgaste das instituições. Num país em que quase metade já não vota.

A retórica hiperbólica esconde um país traído e sem saída. Não é um país que desistiu. É infinitamente pior. A hipérbole usa a emoção frívola para esconder a ausência de alternativas racionais à desistência. E isso tem um nome: acomodação ao medíocre, preguiça de fazer melhor.

Parafraseando, a hipérbole pode enganar todos durante algum tempo, pode enganar alguns o tempo todo, mas não enganará todos o tempo todo! E as suas consequências não vão ser bonitas de se ver!



*“O caminho
não é assim tão
difícil, apostar
sem reservas
nas novas
tecnologias como
sector estratégico
primário e nos
mercados como
financiador base
da economia”*

Oportunidade de uma Vida

por **Marco Silva**

Consultoria Estratégica e de Investimentos

Em todas as crises há sementes de oportunidades. Uma crise é um tempo de disruptão, mas principalmente de aceitação de uma disruptão, algo que noutras alturas pode demorar décadas a ultrapassar.

A crise económica provocada pelas medidas de contenção da pandemia de COVID-19 tem uma particularidade que a torna numa oportunidade de uma vida, transformar uma desgraça em algo que poderá beneficiar todo um povo.

Isto deriva do facto de uma grande parte do mundo ter sido afectado pelo mesmo, nomeadamente os nossos parceiros da União Europeia, o que tal como referi os torna mais suscetíveis a aceitar algo que noutro tempo jamais aceitariam, como um pacote de estímulos que engloba dívida a muito longo prazo e um adiantamento de capital, que erradamente muitos designam a fundo perdido, mas que convenhamos, iremos pagar, não há almoços grátis.

É pois altura de aproveitar os valiosos fundos comunitários extraordinários para refundar a nossa economia, não com uma visão de passado ou tradicionalista, mas sim de futuro, pensar não no que queremos, mas no que temos de fazer, são duas coisas bem distintas.

O caminho não é assim tão difícil, apostar sem reservas nas novas tecnologias como sector estratégico primário e nos mercados como financiador base da economia, ao invés de estarmos dependente de um sector pouco rentável como o turismo de massas e de um financiamento bancário da idade da pedra.

Não estou a inventar nada nem a tirar nenhum coelho da cartola, apenas a dar luz do sucesso de outros, EUA, Inglaterra, Singapura, Japão, Coreia do Sul, Suíça, Luxemburgo e até já hoje em parte a China, são economias que dependem do mercado de capitais como baluarte do seu financiamento e dentro destas estão as cinco cidades mais competitivas do mundo.

Junto a essa realidade outro dado inequívoco, apenas cinco empresas, todas tecnológicas, Apple, Google, Amazon, Microsoft e Facebook, valem cerca de 20% do principal índice mundial que contém 500 empresas, o S&P500.

Não precisamos pois de grande planos ou anos de estudos, precisamos de acção, liderança e muita literacia, até porque temos condições tecnológicas, logísticas e humanas para alcançar o sucesso de outros, seguindo os seus trilhos comprovados.



Cidadania, Intervenção Cívica e Política

por Miguel dos Santos Pereira

Advogado

Existem momentos na história em que é muito difícil não agir em defesa dos direitos da comunidade, tais são as gravidades das agressões eminentes, e a percepção que tenho, que julgo ser partilhada por uma grande parte, é que a intervenção mais eficaz resulta da realizada por movimentos espontâneos de cidadãos em oposição à defesa que é feita com os mesmos fundamentos por parte das agremiações políticas.

A verdade é que a genuína convergência de interesses, que está na génese da partilha identitária de valores de determinados grupos de indivíduos, levam a que o foco se concentre na mensagem e não nos mensageiros, que é o que acontece quando a reivindicação de argumentos é efectuada por colectivos ou cidadãos com fortes conotações políticas, em que a tendência predominante passa a ser discutir os mensageiros e não a mensagem.

Não se pretende com isto desvalorizar a importância dos partidos políticos, que é obviamente fundamental na estrutura democrática em que vivemos, mas tão só realçar as virtudes inerentes às formas de sentir (e reivindicar direitos) popular em prol do que determinado grupo comunitário acredita, de forma desinteressada, para além do interesse objectivo que desencadeou a iniciativa de cidadania e que tem o condão manifesto de se esfumar assim que existe a concretização do resultado do que era pretendido alcançar.

Agostinho da Silva relembrava que a raiz etimológica da palavra partido era parte, pelo que não sejas parte, sé inteiro, concluía. Esta expressão deste grande pensador português do séc. XX, ajuda-nos a perceber um pouco o porquê da diferença da comunicação concretizada por um grupo aglutinador



de maior representatividade e não divisionista em contraste com aquela que é feita por os partidos, ou seja, nas palavras de Agostinho, só em parte e não no global.

Existem, no entanto, pessoas com a capacidade agregadora de irem para além da parte e conseguir não só compreender as necessidades do todo, mas ainda ser facilmente aceites como se representassem o todo comunitário.

A pandemia que nos assolou nos últimos tempos comporta exemplos das duas situações que referimos anteriormente. Se numa fase inicial, por um sentimento de protecção e até de sobrevivência, foi a comunidade que primeiro agiu, fechando-se em casa, ao ponto de levar os responsáveis políticos a tomar as decisões sufragadas pelo colectivo, numa fase posterior tivemos a liderança política a assumir o leme, ainda que debaixo do escrutínio intenso e exigente dos cidadãos, com a agravante de pertencerem à parte e não ao todo de Agostinho e por isso mais susceptíveis a críticas, tal como aqui e ali veio a ocorrer.

Não obstante, esta conjuntura social, teve, de uma forma geral, nos autarcas da República, um elevado número de actores políticos que tiveram o mérito de serem aceites pelo todo, esquecendo-se, por virtude dos próprios, que a sua génesis era partidária e por conseguinte parte e não inteiros.

Foram os líderes que as suas comunidades precisavam, deram-lhes segurança, estiveram presentes, tiveram iniciativas que mitigaram os medos e anseios e criaram as condições necessárias (apoios sociais e sanitários) para que este período conturbado tivesse passado da melhor forma possível. São, por esse facto, merecedores da justa homenagem

que, cada um de nós fará dos seus representantes mais próximos.

Permitam-me que enuncie dois destes “heróis”, em representação de todos aqueles autarcas que souberam estar à altura dos acontecimentos, e que felizmente foram muitos, um por conhecimento pessoal e o outro por uma questão territorial, por tratar-se do concelho da minha residência. No que diz respeito ao primeiro critério de escolha, destaco o Presidente da Câmara de Santa Cruz, Filipe Souza, que mais uma vez liderou o seu município junto dos seus cidadãos e deu-lhes a força, a coragem e os apoios que necessitaram, não fosse ele, resultado de um movimento de cidadãos que se constituiu em partido para poder ter uma maior representatividade política na defesa daqueles para quem trabalham, as pessoas.

Quanto ao segundo critério, escolho o Presidente da Câmara Municipal do Seixal, Joaquim Santos, por ter criado as condições necessárias sanitárias e de segurança para os seus e inclusive apoiando uma autarquia limitrofe, tendo sido o líder que os municíipes precisavam nesta fase complicada e tendo-o conseguido fazer com uma aceitação de modo transversal ou inteira no dizer de Agostinho da Silva.



Coronavírus e Imunidade

por Manuel Pinto Coelho

Médico | Doutorado em Ciências da Educação

Autor do livro *+Vida +Saúde +Tempo*
(Oficina do Livro, 2020)

Tendo assistido, como todos, à dor e ao sofrimento de famílias destroçadas, bem como a uma desmotivação, a um cansaço crescentes e a uma economia a afundar de forma preocupante, urge uma reflexão composta por várias questões.

Tenho-me questionado se faz mesmo sentido continuar a privilegiar unicamente o combate ao inimigo - germe/micróbio/vírus - com as armas exclusivamente a ele apontadas, desconhecendo a sua origem, as suas verdadeiras características e conjecturando que poderá reaparecer no próximo inverno, mantendo o foco apenas na descoberta de uma vacina que ninguém sabe quando estará disponível.

Assim, pergunto, não poderia fazer mais sentido a preocupação institucionalizada, a nível presidencial, governamental e das entidades de saúde, alterar o foco para o hospedeiro que o recebe, ou seja, para com o terreno, com a homeostase, com o sistema imunitário, cuja importância já ninguém duvida, para fazer frente ao vírus, hoje e/ou quando ele decidir voltar a aparecer?

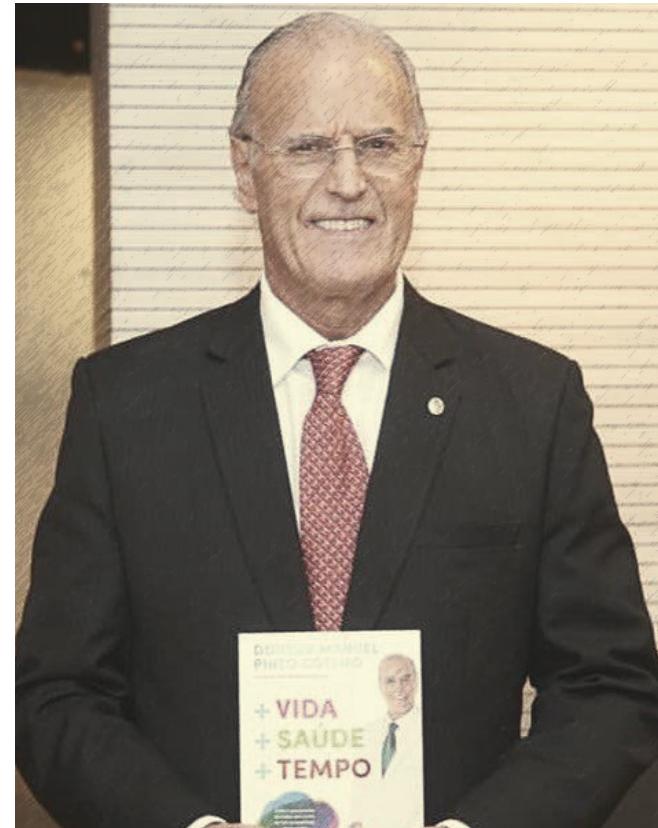
A medicina ocidental desde há muito que tem optado por tratar o agente causador e a infecção/afecção, ao abrigo do paradigma - uma maleita - um comprimido - e não o portador, com as suas vicissitudes próprias, perpetuando-se, até aos nossos dias, um modelo totalmente reducionista, apostando na já renegada pelo próprio Pasteur - o pai "teoria do germe" -, que fez nascer o uso de vacinas, antibióticos e demais agentes antimicrobianos ou não microbianos.

E com isto esquecendo a “teoria celular” de Béchamp - seu opositor - menos preocupada em aniquilar o agente invasor - o vírus da circunstância - e mais focada em restaurar a imunidade e a saúde dos doentes, a qual pode ser alcançada por uma introdução de escolhas de vida saudáveis através de opções alimentares adequadas, de suplementação nutricional e hormonal personalizada, da prática de exercício físico, de um sono reparador, da promoção de um estado psicológico satisfatório, da espiritualidade, bem como, da remoção das toxinas e metais pesados circundantes.

Urge uma política que privilegie o reforço e tratamento de um sistema imunitário disfuncional e enfraquecido na luta contra o COVID 19, na qual fosse distribuída de forma gratuita ou que pudesse ser adquirida com descontos a “vitamina D” - cujo papel decisivo no reforço das nossas defesas se torna cada vez mais evidente, como testemunhado ainda recentemente por Rui Rio na Assembleia da República. Podendo ser também incentivada a toma de vitamina A, vitamina C e Zinco, entre outras substâncias também com manifestas e comprovadas propriedades de reforço do sistema imunitário.

Desta forma dar-se-ia um importantíssimo passo não só na prevenção e tratamento do flagelo corrente, mas, também na prevenção e tratamento de múltiplas enfermidades que assolam os infectados com o COVID 19 e não só.

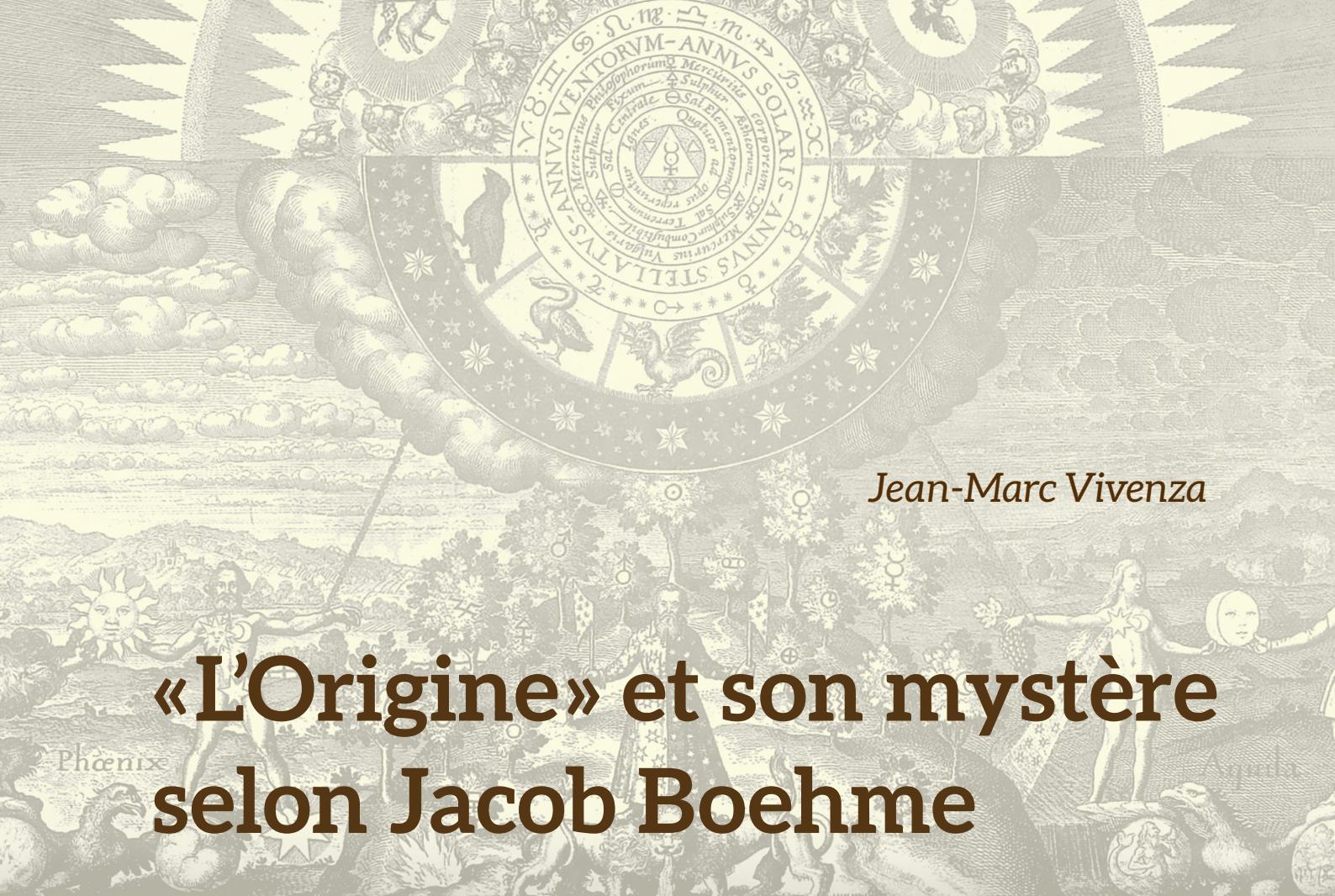
Na realidade, está demonstrada a comorbidade (a associação de uma ou mais doenças no paciente) ligada ao COVID 19, atestada por estudos como o que foi levado a cabo pelo Instituto Superiore di Sanità



que concluiu que em Itália uma percentagem elevadíssima das mortes - 99% - ocorreu em pessoas que tinham doenças associadas, das quais 76,1% tinham hipertensão, 35,5% diabetes e 33% doença cardíaca. Será agora mais que nunca o momento de tentar reverter essas patologias e outras promovidas pela inflamação e resistência à insulina, que podem ser revertidas através de um reforço da imunidade e da adopção de um estilo de vida saudável, sendo então altura para promover os mesmos, conseguindo eventualmente prevenir também as consequências do novo corona vírus.

Para rematar, sendo uma realidade que a nossa imunidade reside em grande parte - 70 a 85% - na parede do nosso intestino, porque não promover a sua saúde através dos alimentos que não inflamem a sua parede e desaconselhamento dos mais inflamatórios - cereais com glúten, lacticínios e açúcar - e duma indispensável boa microbiota através do uso generalizado de probióticos?





Jean-Marc Vivenza

«L'Origine» et son mystère selon Jacob Boehme

«L'homme a effectivement en lui toutes les formes des trois mondes, puisqu'il est une image entière de Dieu ou de l'Essence des essences.»

(J. Boehme, De la Signature des Choses, I, 7)

I. «L'Origine» en tant que question fondamentale

L'homme, comme nous le savons, dès son plus jeune âge et jusqu'à sa mort, « questionne » par nature, mais il questionne surtout par nécessité vitale, il ne peut supporter ce voile d'opacité qui depuis toujours lui masque la véritable réponse, qui l'empêche de pénétrer dans l'intimité d'une explication qu'il désire, et à laquelle il aspire de toutes ses forces et de tout son être portant sur la provenance de ce qui est, et que, faute de mieux, les diverses traditions nomment le « Principe » ou encore « l'Origine ».

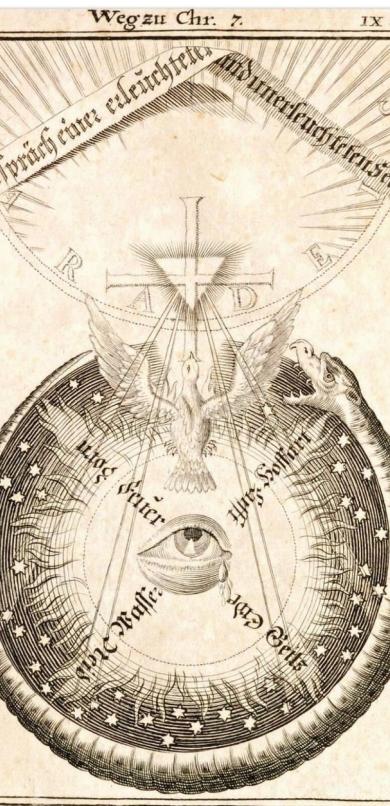


Illustration
en publication de Jacob Behmen



Jacob Boehme
portrait par auteur anonyme

Un penseur considéré comme l'auteur majeur du courant théosophique l'illuministe et mystique, à savoir Jacob Boehme (1575-1624), dont l'influence fut déterminante sur Louis-Claude de Saint-Martin (1743-1803), a été l'un des premiers à considérer qu'il ne peut y avoir d'élucidation de la question de « l'Origine » sans résolution du problème de l'homme lui-même, qu'il ne peut être envisageable de s'avancer dans le domaine de cette question fondamentale sans un changement radical, et préalable de la créature en son être, convaincu, en effet, qu'un être limité dans ses facultés, comme l'est foncièrement l'homme en son état de nature, ne peut percer l'épaisseur de la nuit de l'intelligence dont il est entouré sans une profonde transformation de sa condition ontologique ce que l'on désigne sous le nom « d'initiation ».

Toutefois, les premiers mots de l'Aurore Naissante 1, le livre par lequel Jacob Boehme se fit connaître, laissaient envisager une possibilité, non pas différente bien évidemment, mais plutôt complémentaire, nous pourrions dire un secours auxiliaire à la voie symbolique, qui vient aider grandement l'homme dans sa recherche, et qui se révèle fort utile s'il veut bien s'y rendre attentif.

II. Le vrai ciel est partout

Ainsi Boehme écrit, au début du chapitre initial de l'Aurore Naissante, intitulé « De l'exploration de l'essence divine dans la nature » : « Quoique la chair et le sang ne puissent pas saisir l'essence divine, et que cela n'appartienne qu'à l'esprit quand il est vivifié et éclairé par Dieu ; si l'on veut toutefois



parler de Dieu et chercher ce qu'il est, il faut soigneusement scruter les vertus (Kräfte) qui résident dans la nature, et même toute la création, les cieux, la terre, les étoiles, les éléments et les créatures qui en sont provenues, en outre les saints anges, le démon et l'homme, ainsi que le ciel et l'enfer 2.»

Ce « toutefois », par delà son aspect relativement modeste, voire anodin, est néanmoins d'une extraordinaire portée, d'une conséquence majeure, puisqu'il ouvre, tout d'un coup et largement, l'accès jusqu'ici fermé à la compréhension des énigmes les plus difficiles que se pose l'humanité. On remarquera aisément, dans ces quelques lignes, ce qui se retrouvera constamment réaffirmé et repris dans le discours de Boehme, soit une immédiate mise en correspondance des oppositions, une sorte de méthode préliminaire qui deviendra, par la suite, le mode même, le mode classique et constant de son argumentaire dialectique.

En effet, Boehme s'apercevra que Dieu s'exprime, parle concrètement par les signes qui peuplent le monde, ceci expliquant les passages de l'Aurore Naissante, où sort, avec un rare souci du détail, décrits les plantes, les animaux, les astres, les minéraux, déclarant : « Si vous voulez considérer ce qu'est le ciel, où il est, ou bien comment il est ; vous n'avez pas besoin d'élancer votre pensée à plusieurs milliers de milles d'ici [...] Car le vrai ciel est partout, même dans le lieu où vous êtes et où vous marchez 3.»

Cette vision n'est rendue possible que par la renaissance de « l'âme dans la chair », renaissance capable de provoquer « l'illumination » pénétrante, capable de percer les secrets du monde des choses vivantes. Elle est l'impérative condition sans laquelle l'homme reste plongé dans un brouillard dense et épais qui ne laisse rien filtrer de la vérité. Boehme affirme en conséquence qu'il n'est pas nécessaire d'aller au Ciel pour y « apprendre les mystères divins », car cette « révélation » est possible ici-même, au sein de la manifestation, et cette « révélation » porte sur la création du monde, alors même que personne n'a jamais pu savoir comment cet événement s'était déroulé, pas même Adam!

III. La clé du mystère de «l'Origine» se trouve dans l'Esprit

Le postulat de Boehme est que si Adam a pu bénéficier de quelques lumières, concernant « l'Origine », il ne les avait que dans l'Esprit puisqu'il n'y assista pas mais n'en fut qu'un produit, une touche finale parachevant l'œuvre divine. Dès lors, pourquoi l'homme ne pourrait-il pas recevoir, par cette même faculté de l'Esprit, des connaissances comparables à celles d'Adam ?

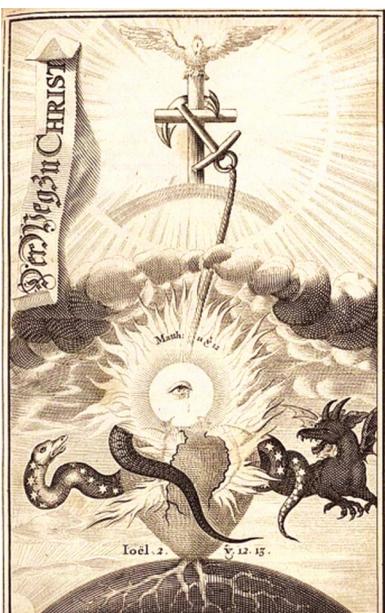
Ainsi, si l'on est capable de regarder le monde comme un miracle permanent, une grande énigme présente sous nos yeux, un mystère visible par tous, en perpétuel engendrement et mutation, travaillé de l'intérieur par une force inconnue qui dirige, meut et organise l'ensemble de la création, qui l'entraîne sans cesse vers une destination que nul ne connaît mais que beaucoup peuvent pressentir intuitivement, alors le monde, la création, peuvent s'expliquer par le caractère mystérieux qui se trouve placé au centre de toute réalité, aussi infime soit-elle, au cœur de la plus petite énergie

de vie, du plus faible souffle d'énergie, puisque la création, par son livre ouvert, donne à contempler le mystère de l'essence de la primitive « Origine ». Boehme dira en parlant de ce que signifie la révélation de l'essence primitive : « Cet univers entier est un grand miracle, et n'aurait jamais été reconnu par les anges dans la sagesse de Dieu. C'est pourquoi la nature du Père s'est mise en mouvement en vue de la création de l'essence (Wessen), afin que les grands miracles deviennent manifestes. Et alors ils seront reconnus pour l'éternité par les anges et les hommes, qui verront tout ce qu'il a eu en sa capacité 4. »

IV. Il est possible de percevoir l'essence de «l'Origine»

La création est donc un livre ouvert, elle donne à voir et à comprendre l'essence originelle puisque « l'Origine » parle en elle pour se révéler aux créatures, et si l'essence de tout dans l'image que nous donne et nous transmet le monde, nous parle le langage de la vérité, alors l'Univers, qui excède notre compréhension limitée et dépasse les faibles capacités de notre intelligence, permet de voir l'essence de la création dans sa pure nudité, de contempler les raisons qui présidèrent à l'émergence du « Tout », de nommer et définir les éléments inconnus qui commandèrent à l'apparition du monde et en permirent l'émergence au sein de l'indifférencié, du chaos primitif, qui n'est surtout pas le néant, puisque Boehme réaffirmait, comme bien d'autres l'avaient fait avant lui, que du « rien », rien ne peut surgir, et que c'est d'un « désir », d'une volonté vive d'engendrement, que Dieu, l'Être éternel et infini, le Grand Architecte de l'Univers, donna naissance au monde à « l'Origine » : « En dehors de la Nature, Dieu est un mystère, un Néant ; ce Rien est l'œil de l'Éternité, abîme sans fond, il contient une volonté, qui est le désir de la manifestation pour se retrouver lui-même. Cette volonté avant laquelle il n'y a rien ne peut chercher qu'elle-même et ne trouver qu'elle-même par la Nature [...] Cette sortie est l'Esprit de la volonté, c'est un tissu, qui forme des images spirituelles dans l'infini du

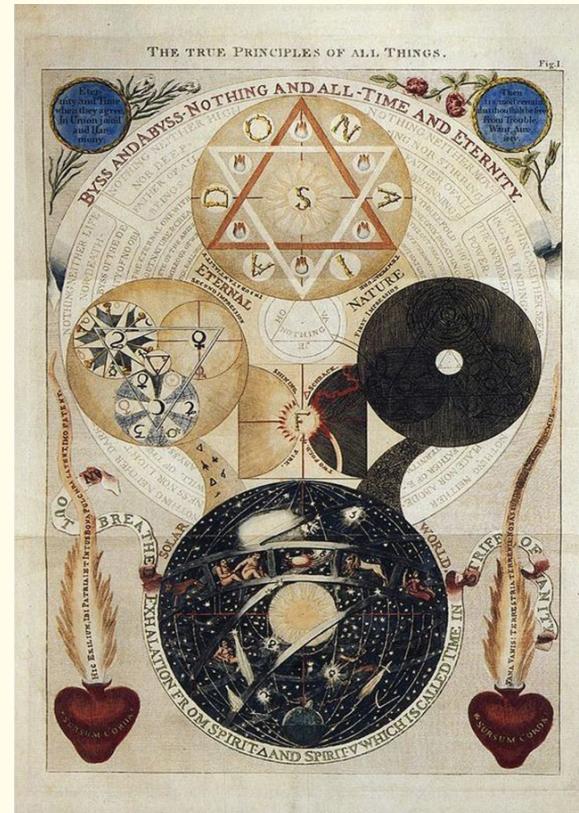
Illustration
en publication de Jacob Behmen



«la création, peuvent s'expliquer par le caractère mystérieux qui se trouve placé au centre de toute réalité, aussi infime soit-elle, au cœur de la plus petite énergie de vie, du plus faible souffle d'énergie.»

mystère. Cette même forme est l'éternelle Sagesse de la Divinité, la tri-unité dont nous ne pouvons connaître le fond...»

La pertinence d'une telle vision, vient du fait qu'elle place « l'Origine » non pas uniquement au commencement, mais également à l'intérieur du processus, l'Histoire devenant, dès lors, son couronnement et le lieu de sa « révélation », expliquant l'étroite union entre l'aspiration qui cherche, par la « science de l'homme », à parvenir à la plénitude de son éternelle essence, et celle qui, par la « science de Dieu », travaille à se libérer des conséquences de la Chute pour atteindre - par la « réintégration des êtres dans leur première propriété » -, à l'entièr effectivité de l'authentique nature incrée d'Adam.



XVIII siècle Illustration
Dionysius Andreas Freher
en publication "The Works of Jacob Behmen"

*«La création est donc un livre ouvert,
elle donne à voir et à comprendre
l'essence originelle puisque
“l'Origine” parle en elle pour se
révéler aux créatures...»*



Directoire National Rectifié de France
Grand Directoire des Gaules



Saúde Mental e Covid-19

(Consequências e Recuperação)

por Alberto Santos



A pandemia COVID-19 foi oficialmente declarada pela O.M.S. (Organização Mundial de Saúde) no dia 11 de Março de 2020. Preocupada com um aumento de distúrbios e suicídios a organização considera provável “um aumento a longo prazo do número e gravidade dos problemas de saúde mental”, devido ao “imenso sofrimento de centenas de milhões de pessoas” e aos custos económicos e sociais a longo prazo para a população. Decorridos dois meses, já em fase de mitigação, a Direção Geral de Saúde afirmou, em norma publicada no seu site, que “o impacto na saúde das populações e a velocidade instantânea de transmissão da informação, por sua vez, suscitam nas populações sentimentos frequentes de medo, angústia, ansiedade, com implicações diretas e indiretas na saúde mental individual e social.”

As implicações mentais, defendem os especialistas, traduzem-se em diversos sintomas e síndromes como o síndrome depressivo, as perturbações de sono, as perturbações obsessivo-compulsivos, o síndrome de stress pós-traumático, o síndrome de burnout, entre outras. Situações impostas pelas medidas de contenção como o afastamento social e o confinamento, dificuldades em lidar com o luto devido à imposição (temporária) de nem sequer se poder assistir ao funeral de entes queridos falecidos, afastamento compulsivo da família de origem (pais e avós idosos pertencentes aos grupos de risco) levaram ao exacerbar de perturbações mentais já existentes, ao aparecimento de outras e ainda a perturbações comportamentais como a violência doméstica. As crianças não ficaram de fora neste “novo normal” como agora retoricamente se denomina esta fase em que estamos evidenciando problemas de desenvolvimento e problemas de aprendizagem. A todas estas implicações mentais juntam-se implicações sociais, como a precariedade laboral, o desemprego, a vulnerabilidade social dos mais idosos e a

pobreza. Esta última, a pobreza, é potenciadora de mais desigualdades, aumentando a prevalência da população com pouco acesso a cuidados de saúde e/ou a medicamentos essenciais para tratar das patologias já existentes, desencadeadas ou exacerbadas por esta crise.

O estado adotou várias medidas de combate a esta calamidade pública criando medidas de apoio às empresas e à população. De salientar para as empresas programas de layoff, moratórias de crédito, apoios à tesouraria, deferimento de impostos e para a população renovação automática de subsídios de desemprego e de apoios sociais, alargamento de prazos para pagamento de taxas renováveis. No que toca à saúde mental, as medidas traduziram-se na criação da Linha de Aconselhamento Psicológico e do Microsite Saúde Mental Covid-19, as quais permitem avançar numa primeira linha de prestação de cuidados e que são realizadas por psicólogos treinados para intervenção em crise.

Decorridos mais de três meses desde o início da pandemia, o tema está constantemente nas nossas vidas. O vírus está em todo o lado. Sentimo-nos vulneráveis, ansiosos e por vezes sem controlo. Estamos apreensivos em relação ao futuro pois a imprevisibilidade e falta de conhecimento ainda são constantes e não existe ainda nenhuma forma científica de prevenir ou curar esta doença. A todos é exigido capacidade de adaptação e resiliência, muita resiliência, sendo habitual nestas alturas surgirem problemas

de saúde psicológica. Não surgindo problemas de saúde psicológica há muitas vezes a necessidade de ajuda, ajuda para o próprio ou para os familiares. Maçons em território nacional e espalhados pelo mundo não são nem estão obviamente imunes a esta crise de saúde pública e precisam também de ajuda.

A Grande Loja Soberana de Portugal, em complementariedade ao já existente no país, criou um serviço de apoio psicológico para os irmãos e suas famílias que necessitem de ajuda. O serviço chama-se Tronco Hospitalero. O apoio é totalmente confidencial, conta com o apoio de instituições da sociedade civil e todas as ações cumprem integralmente o Código Deontológico dos Psicólogos. O serviço de apoio psicológico pretende fornecer um espaço onde o irmão pode de forma discreta e confidencial expor as suas dificuldades ou necessidades e ser acompanhado por psicólogos credenciados. Qualquer irmão e sua família pode usufruir do serviço. Para poder aceder ao serviço basta enviar um email ao grande hospitaleiro a solicitar a primeira reunião com a equipa indicando o seu número de telefone. Depois desse email a equipa contactará o irmão para lhe dar os pormenores para a primeira reunião. O email do grande hospitaleiro é gh@glsp.pt.

Alberto Santos
Psicólogo
C.P. 512

«Traduzem-se em diversos sintomas e síndromes como o síndrome depressivo, as perturbações de sono, as perturbações obsessivo-compulsivos, o síndrome de stress pós-traumático, o síndrome de burnout, entre outras.»



A Família de Acolhimento Orlando Gomes

por Orlando Dias Gomes

«Para contextualizar o que é o acolhimento familiar, posso dizer que é uma medida que visa a proteção de crianças e jovens que não podem, ou devem viver com os seus progenitores.»

É um enorme privilégio e até um orgulho puder relatar a minha experiência como família de acolhimento neste, que é o primeiro número desta revista, e mais uma excelente iniciativa da Grande Loja Soberana.

Para contextualizar o que é o acolhimento familiar, posso dizer que é uma medida que visa a proteção de crianças e jovens que não podem ou devem viver com os seus progenitores. É a alternativa à sua institucionalização e pressupõe a integração da criança num núcleo familiar, tendo por objetivo a participação do mesmo nessa vida familiar. A medida impõe, a quem acolhe, a obrigação de: alimentar, educar e principalmente amar, dar carinho e afeto, que é a maior carência destas crianças.

A decisão do acolhimento parte de uma ideia que tinha vindo a amadurecer há já 4 anos. Começa com uma pergunta da minha filha sobre se podia convidar para a festa do seu aniversário um colega e que, para tal, era necessário preenchermos um termo de responsabilidade. Foi o nosso primeiro contacto com uma criança institucionalizada e adorámos. O miúdo era um doce e constituímo-nos “família amiga” do mesmo ou seja: o Ruben (nome da criança), passou a estar



connosco nos fins de semana e nas férias. Mais tarde quisemos adotá-lo, mas ele já tinha em simultâneo outra família com o mesmo propósito e que até já tinha a guarda de um irmão seu. Não esmorecemos nas nossas intenções e contactámos a Santa Casa da Misericórdia no sentido de adotar uma criança. As técnicas vieram a nossa casa, falaram connosco, tentaram perceber as nossas intenções e fizeram uma pergunta chave “porque querem adotar uma criança?” ao que respondemos “para ajudar as mesmas”. Assim, foi sugerido o acolhimento, pois se o objetivo era ajudar, em vez de ajudar uma poderíamos ajudar várias durante o nosso percurso de vida. Normalmente quem adota tenta suprimir uma falta pessoal, ou não consegue ou não pode ter filhos, ou só tem rapazes e quer uma rapariga e vice-versa ou não quer passar por uma gravidez etc...

E assim começou este percurso: passado quase um ano de relatórios, entrevistas, visitas e testes fomos certificados como família de acolhimento. De salientar que numa destas entrevistas,revelei

a minha condição de Maçom e como isso tinha transformado a minha pessoa, tendo-me tornado num indivíduo melhor e mais preocupado na ajuda do próximo, facto que veio destacado no relatório final efetuado pelas técnicas.

Inicialmente referimos que pretendíamos acolher crianças maiores de três anos, em virtude de um bebé puder mudar em muito as nossas rotinas familiares, pois são mais dependentes e necessitarem de maior acompanhamento.

Após a certificação, recebemos uma chamada a solicitar a nossa ajuda para acolher um bebé que tinha nascido prematuro e que se encontrava no Hospital Santa Maria. Como este programa de acolhimento familiar era recente em Portugal, não havia ainda famílias certificadas, apelaram à nossa sensibilidade e não pudemos declinar tal pedido.

Acolhemos este bebé com imenso gosto e tem sido uma experiência excepcional.

Meses depois recebemos nova chamada a solicitar apoio para mais um bebé de 10 dias. Era uma situação especial que, pese embora tenha medida de adoção, a

«Talvez a maior descoberta que o acolhimento trouxe, foi perceber que em vez de estarmos a oferecer uma família a estes meninos, na realidade estamos a construir a nossa.»



mesma tem um processo burocrático inerente e era benéfico que, até ser executada a medida, o bebé estivesse em meio familiar em vez de institucional. E assim foi, com algumas reservas, pois agora eram dois bebés em casa. Lá ficámos com os dois e apesar de não conseguir descansar convenientemente, estou de coração cheio: estes meninos retribuem o amor que lhes damos, cada sorriso rasgado quando sentem a nossa presença ou voz é sinónimo de afeto e amor do mais genuíno que pode haver.

Vemos o acolhimento como um encontro, não só com a criança, mas essencialmente com uma realidade familiar, uma história de vida que temos de observar, acompanhar e abraçar.

Uma criança para crescer saudável necessita de uma referência, um sentimento de pertença, um ponto de afeto, o desafio do acolhimento é belíssimo, consiste precisamente em aventurarmo-nos a trabalhar essa unidade afetiva.

Na experiência do acolhimento, há muitos sentimentos ambivalentes (medo, esperança, frustração, preocupação, etc...). Estamos cientes que eles não são nossos, tal como os nossos filhos não o são, um dia também irão voar e seguir o seu ca-

minho, mas de uma coisa temos certeza, esta é sem dúvida uma experiência de amor.

Na realidade, a Maçonaria mudou a forma de olhar para mim mesmo, para o meu interior e também para o outro não o desconsiderando e diferenciando.

No final, e porque o acolhimento tem um cariz temporário, haverá uma dificuldade natural na hora da separação, mas também a satisfação de entregar uma criança em melhores condições e faze-lo não pressupõe interromper o vínculo porque a relação que surgiu será para sempre: a criança sempre transportará algo nosso e nós sempre ficaremos com algo dela.

A maior descoberta que o acolhimento trouxe foi talvez perceber que, em vez de estarmos a oferecer uma família a estes meninos, na realidade estamos a construir a nossa.

Acrescento ainda que este projeto familiar tem sido uma excelente ferramenta para o crescimento da minha filha. Ela ajuda muito nas tarefas e acompanhamento dos bebés e sinto que a torna muito mais madura e sensível quando a comparo com as suas colegas e amigas da mesma idade.

Tem sido muito gratificante.



Os Sem Abraço Uma Realidade Invisível

por João Gonçalves



Um problema familiar leva a um desentendimento grave, saem de casa e quase sem se aperceberem já estão a viver na rua, mas muitos outros casos evidenciam problemas de saúde, nomeadamente toxicodependência, alcoolismo, doença física ou mental.

Grande parte teve problemas familiares (conflitos vários, divórcios e falecimentos de pessoas próximas) e de repente encontraram-se na rua. É importante realçar a forma súbita como muitas vezes, muita gente se encontra em regime de sem-abrigo. Um problema familiar leva a um desentendimento grave, saem de casa e quase sem se aperceberem já estão a viver na rua.

Muitos outros casos evidenciam problemas de saúde, nomeadamente toxicodependência, alcoolismo e doença física ou mental, mas a precariedade económica é o fator que entra na equação e é cada vez mais preocupante. A crise económica e financeira provocada pelo Covid-19 em

que vivemos agravou esta situação, já de si débil e são agora muitos os jovens que perderam os rendimentos do seu 1º emprego e que se encontram na rua.

A ação multidisciplinar da SOBERANA

A SOBERANA, como Obediência Maçónica não se pode substituir às IPSS ou a Associações de Caridade. Não é essa a função duma Ordem Iniciática. No entanto, faz parte dos nossos landmarks o aperfeiçoamento espiritual e nesse aspecto a ajuda ao próximo é para qualquer Maçom fundamental. Mas essa ajuda tem de ser Fraterna e não Caritativa. Tem de ser Horizontal e não Vertical. Um Maçom só tem o direito de olhar de cima para baixo para alguém, se for para o ajudar a levantar. Tem de ser uma Solidariedade Ativa e Esclarecida.

Por isso não podemos ajudar todos. Apenas aqueles que querem ser ajudados. O auxílio aos sem-abrigo tem de ser criterioso uma vez que a forma de ajudar

da SOBERANA é a de ajudar a ajudar. Ensinar a pescar e não dar o peixe. Doutra forma não é sustentável. O empowerment espiritual é a nossa forma de agir. É dar Fortaleza que não é só dar Força.

Claro que é meritória a ação de muitas associações que dão comida aos sem-abrigo e que lhes permitem não passar fome, no entanto, a nossa ação é mais profunda do ponto de vista emocional e muito intensa.

Através da ação Pop Up Solidário , a SOBERANA transporta numa carrinha uma verdadeira Lounge Area com Can-deeiros a pilhas, sofás, mesas e cadeiras. Em menos de 5 minutos montamos uma Sala de Estar em plena Lisboa e os sem-abrigo são acolhidos naquele espaço que a partir daí é deles. Além da comida que transportamos, o alimento mais importante é o espiritual.

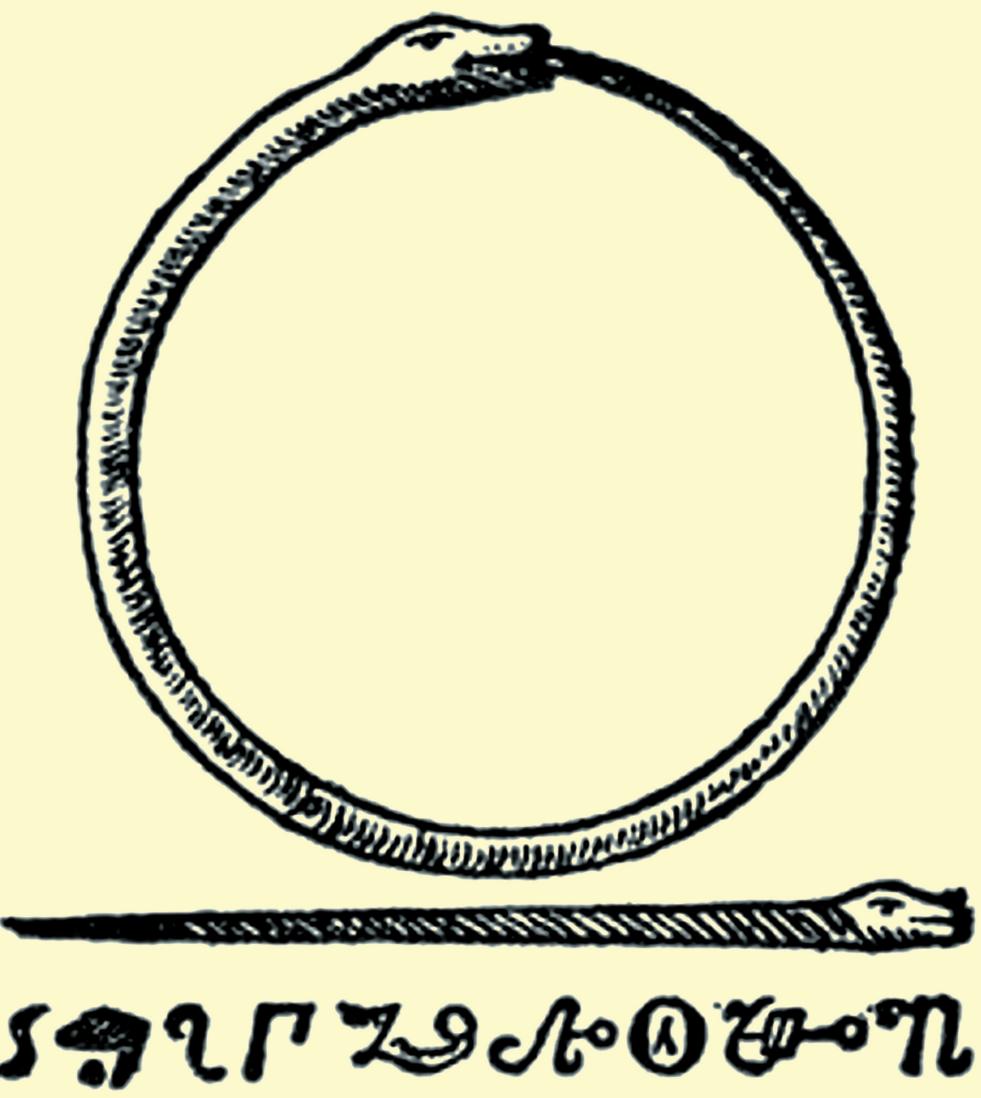
Vários dos Irmãos presentes (alguns deles figuras públicas que facilitam o contacto com os mais receosos) cantam, contamos histórias em conjunto, ajudamos a regularizar processos de cidadania que mais tarde os tornam elegíveis a entrar em programas onde podem receber subsídios, arranjamos forma de serem alojados, ajudamos na entrega gratuita de medicamentos essenciais e nesta época de emergência sanitária, distribuímos gratuitamente máscaras.

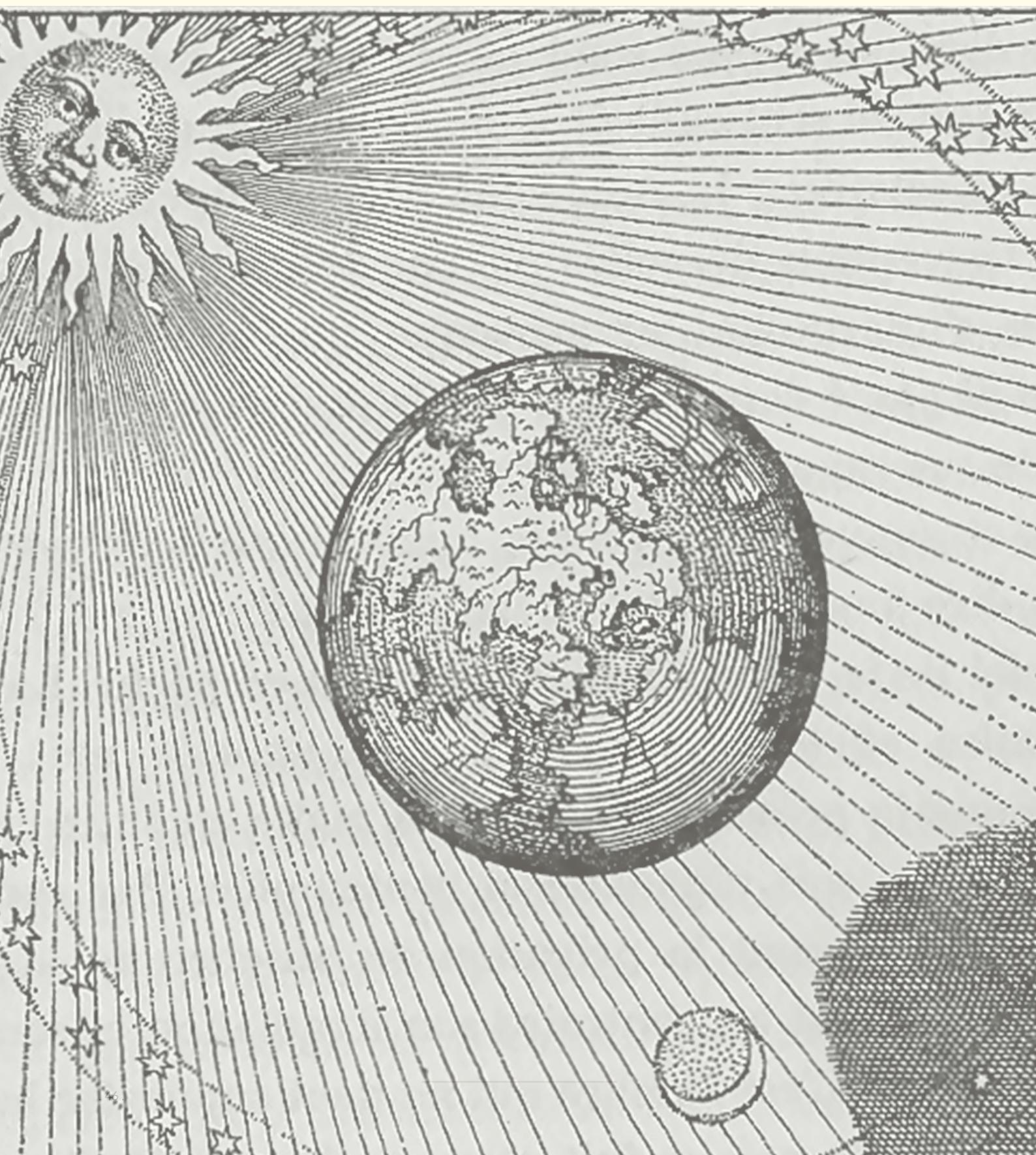
Enfim, tentamos fazer a nossa parte. Como dizia Madre Teresa de Calcutá, “se cada um de nós limpasse a soleira da sua porta, o mundo inteiro estaria limpo”.

O próximo passo será um programa de Solidariedade Económica, onde tentaremos recuperar alguns sem-abrigos para uma atividade de Empreendedorismo e estamos também a formar um gabinete com Irmãos ligados à Psicologia e Psiquiatria, para com protocolos a firmar com Universidades, possamos atuar numa área cada vez mais necessária com esta crise que é a Saúde Mental.

João Gonçalves,
Vice Grande Hospitaleiro e Coordenador
do Programa Pop Up Solidário

«Em menos de 5 minutos montamos uma sala de estar em plena Lisboa e os sem-abrigo são acolhidos naquele espaço que a partir daí é deles. Além da comida que transportamos o alimento mais importante é o espiritual.»



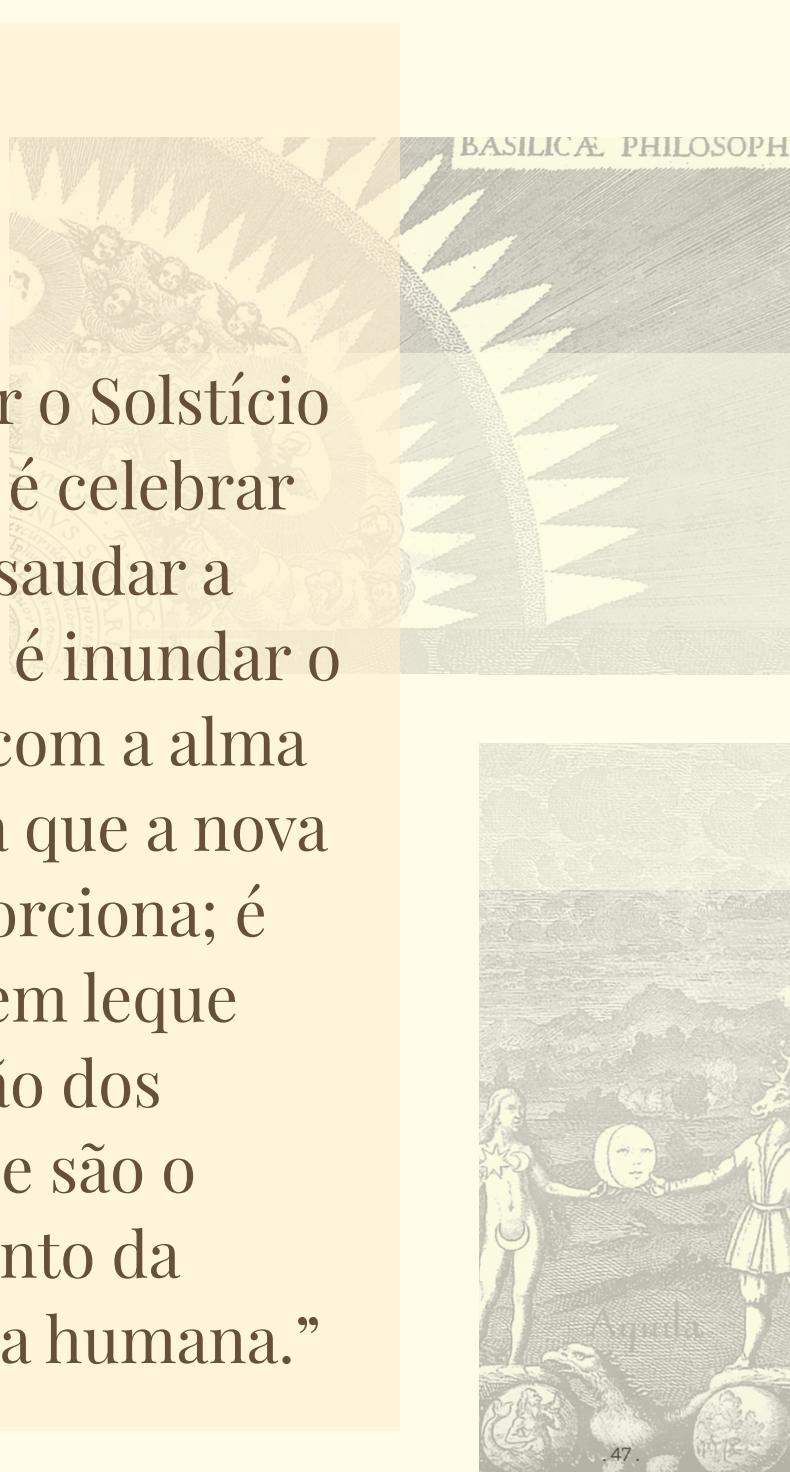


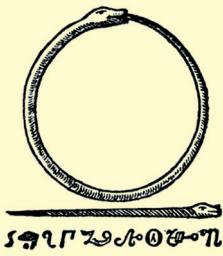


Solstício de Verão: A Festa da Vida

por Fernando Correia

“Celebrar o Solstício de Verão é celebrar a vida; é saudar a nova luz; é inundar o espírito com a alma renovada que a nova luz proporciona; é receber em leque a profusão dos ideais que são o fundamento da existência humana.”





“Este ano, o Solstício de Verão renovo a nossa luz interior a 20 de Junho, data em que a Soberana promoveu a sua Sessão de Grande Loja no Templo Portugal”.

Este ano, o Solstício de Verão renovo a nossa luz interior a 20 de Junho, data em que a Soberana promoveu a sua Sessão de Grande Loja no Templo Portugal.

O Solstício ocorreu pouco depois das 22 horas do dia 20, em pleno Ágape Festivo, hora em que o “Mestre de Cerimónias” mandou “carregar os canhões” para celebrar a nova luz que sempre vem para nos renovar, criando alento e esperança para mais um ano de trabalho maçónico que se iniciará após a pausa de Agosto.

É normal o procedimento e a GLSP já “viveu” Solstícios de Verão e de Inverno, de grande significado, em Seteais, no antigo Museu dos Coches, em Lisboa, e no Templo Portugal, também na capital portuguesa, sempre respeitando a solenidade das datas e o seu significado que vai muito para além do simbolismo histórico para se confundir, de maneira perfeitamente comprehensível, com os hábitos, os costumes, a narrativa do tempo, transportando-nos ao primeiro plano das celebrações espirituais, renovando a vida, recebendo a luz, festejando a egrégora da nossa alma comum e recuperando a energia do renascer com a força e o querer do mistério insondável que nesse renascimento está contido e se espalha, em glória, por cada arauto da Boa Nova anunciada.

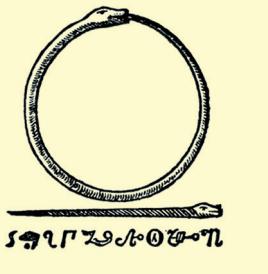


“O dia mais longo é, ainda, o de maior vibração terrena e, com esta vibração, chega a alma nova que corresponde ao alimento espiritual que se procura”.

No dia 20 de Junho de 2020, um ano marcado por situações indesejáveis em todo o Mundo e, em muitos casos, incontroláveis sob o ponto de vista sanitário, o Solstício de Verão chegou com rótulo de esperança e de mudança e, mesmo sendo um fenómeno natural por corresponder à inclinação de 23,4 graus do eixo vertical da Terra em relação à eclíptica, ou seja, ao plano do nosso sistema solar, também tem sido, ao longo dos séculos, muito mais do que isso e este ano, por maioria de razões, sê-lo-à também.

O dia mais longo é, ainda, o de maior vibração terrena e, com esta vibração, chegará a alma nova que corresponde ao alimento espiritual que se procura.

Daqui resulta o facto de ser uma data especialmente importante para a maçonaria e para tudo o que ela representa para a humanidade.



Desde logo, porque está próxima da celebração cristã de São João Baptista (24 de Junho) e depois porque Junho deriva do latim Junius, que significa o mais novo, o que renova.

Por outro lado, João Baptista é um símbolo da luz, do verbo, da anunciação, do baptismo, portanto da renovação. Daí que as Lojas maçónicas, por terem o mesmo significado, sejam denominadas Lojas de São João. Por analogia se percebe que o Solstício de Inverno seja marcado por São João Evangelista e tenha a profunda marca do renascimento da vida e da esperança.

Mas ainda que não nos refugiamos nas analogias e simbolismos maçónicos, também podemos inferir que o Solstício de Verão tenha sido celebrado ao longo dos tempos por diversos povos e diferentes culturas, mas sempre com o mesmo objetivo de festejar a luz.

Por exemplo, no Egípto, as pirâmides foram construídas de forma a que o Sol tenha o seu ocaso exatamente entre duas das pirâmides, quando o efeito é observado desde a Grande Esfinge.

Mas há notícias de cidades construídas em alinhamento com o Sol durante os Solstícios e em ruínas, a pouco e pouco, recuperadas para estudo, percebe-se a preocupação em construir dentro do mesmo alinhamento solar, sempre na procura da luz.

No Reino Unido vale a pena, por todas as razões, viajar até à época do megalítico,

admirando o Stonehenge, também associado aos Solstícios. E ali o Sol nasce sobre o "Heel Stone", no exterior do círculo principal do monumento, o que pressupõe o estudo feito para que, à época, tudo desse certo e estivesse de acordo com a posição do Sol.

Por todas estas razões históricas e outras patentes na América do Sul, não pode haver dúvida sobre o conteúdo e o fundamento da celebração dos Solstícios, interpretando-se ambos com o mesmo sentido de renovação da vida, só possível porque a luz inunda a Terra e permite que o Ser Humano tenha condições de existência.

Nada acontece por acaso e na beleza da história esconde-se a importância da verdade que alguns teimam em não querer ver.

A maçonaria, através dos tempos, desde os pedreiros livres (maçonaria operativa) até à maçonaria filosófica (especulativa) que atualmente se pratica em todo o Mundo, mantém fidelidade à história e ao simbolismo que traduz e interpreta a sua própria raiz e a projeta no amanhã, sendo este o seu principal segredo.

Não é aceitável tentar construir algo que não tenha futuro, que não tenha um objetivo, que não tenha uma sequência lógica, que não coloque os aspectos espirituais á frente dos materiais, com a capacidade de resistir ao tempo e às vicissitudes criadas pelo próprio Homem.

“Não pode haver dúvida sobre o conteúdo e o fundamento da celebração dos Solstícios, interpretando-se ambos com o mesmo sentido de renovação da vida, só possível porque a luz inunda a Terra e permite que o Ser Humano tenha condições de existência.”

EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO

PRÓLOGO

NO COMEÇO A Palavra já existia; a Palavra estava voltada para Deus e a Palavra era Deus.

2 No começo Ela estava voltada para Deus.

3 Ela foi feito por meio d'Elas, o que existe, nada foi feito sem Ela.

4 Ela estava a Vida, e a Vida era a luz dos homens.

5 Esse é que brilha nas trevas, e as trevas não conseguiram apagá-la.

6 Apareceu, então, homem enviado por Deus, que se chamava João. 7 Ele veio como testemunha, para dizer a verdadeira

luz, a fim de que os homens acreditassesem por ele.

8 Ele não era a luz, mas a testemunha da verdadeira luz, que é todo o bem que há no mundo.

9 Ele veio ao mundo, mas a Ela



10 Estes não nasceram de sangue, nem do império da carne, nem do dínamo do homem, mas nasceram de Deus.

11 E a Palavra fez Sua morada entre nós, e habitou entre nós contemplamos sua glória: glória do Filho amado, que veio do Pai cheio de afeição e de fidelidade.

12 João dava testemunho d'Ele, proclamando: «Aquele a quem eu disse: Homem que veio de Mim passou diante de mim, porque excede em mim».

13 Porque da sua boca saiu de todos nós recordar um amor que começou ao seu amor.

14 Porque a Lei, dada por Moisés, o espírito de fidelidade veio de Jesus Cristo, que jamais viu a carne, mas nos revelou o Filho único.

A maçonaria pode fazê-lo e, por isso, está aqui, representada pela Soberana, a celebrar o Solstício de Verão, certa de que será iluminada pela luz renovadora que representa a sua própria capacidade de viver, transmitindo -a intensamente aos que partilham a sua alma comum e despertam para um tempo novo a germinar com a força da nova semente que se lança ao solo, na esperança de que ela desponte em glória e cresça em direção ao Sol que há-de fazer dela a planta do futuro que simboliza a vida a renascer.

“Não é aceitável tentar construir algo que não tenha futuro, que não tenha um objetivo, que não tenha uma sequência lógica, que não coloque os aspectos espirituais à frente dos materiais(...)”



No Museu dos Coches

por Fernando Correia

“Para a Grande Loja Soberana de Portugal, ainda a dar os primeiros passos, foi uma honra e, por outro lado, uma experiência de grande significado (...)"

Ficou obviamente na história de vida da Soberana a Sessão de Grande Loja realizada no antigo Museu dos Coches, em Lisboa, correspondente ao Solstício de Verão, à qual se seguiu um Ágape, dedicado às Senhoras, que se realizou no arraial popular de A Voz do Operário.

A Sessão de Grande Loja, largamente participada, teve ainda a importância de receber convidados espanhóis, nossos Irmãos, que nos deram a honra de estar presentes com a única finalidade de nos abraçar e de reconhecer o trabalho desenvolvido pela Grande Loja ao longo do ano maçónico de 2019.

Para a Grande Loja Soberana de Portugal, ainda a dar os primeiros passos, foi uma honra e, por outro lado, uma experiência de grande significado, ficando com a certeza de que o caminho percorrido era o correto e abrindo perspetivas de crescimento e de influência maçónica reconhecidos.





Por si, o ambiente do antigo espaço do Museu dos Coches, carregado de história, convidava à reflexão e ao espiritualismo, mas, por outro lado, abria também espaço a iniciativas futuras que a Soberana desenvolveu, com assinalável êxito, ao longo do ano seguinte.

Para além da carga emocional da Sessão foi possível abrir as portas a outros convidados, maçons ou não maçons, para assistirem ao concerto do tenor Ruy de Luna, que se realizou naquele mesmo espaço depois de terminada a Sessão de Grande Loja e de se transformar o Templo numa plateia de lotação esgotada.

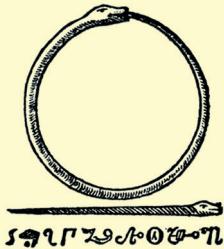
Foi algo que ficou na memória de quem assistiu pela originalidade, pela beleza, pela força espiritual, pela carga emocional e por ser algo de inédito na vida e na história da maçonaria portuguesa.

Relativamente ao Ágape branco, dedicado às Senhoras, o que se pode dizer é que

seria difícil encontrar um local mais emblemático do que o arraial popular de A Voz do Operário que reservou um espaço para a Soberana e onde não faltou boa disposição a acompanhar as sardinhas assadas, as febras, o pão com chouriço, o caldo verde e o bom vinho.

Para marcar mais o ambiente e o local foi bom recordar que a Soberana deu os primeiros passos, enquanto Grande Loja, na Capela Verónica, na Rua da Verónica, paredes - meias com A Voz do Operário. Os irmãos, que vieram de Espanha, foram nossos convidados especiais no Ágape e “carregaram os canhões com a boa pólvora portuguesa” para os brindes da praxe.

“Por si, o ambiente do antigo espaço do Museu dos Coches, carregado de história, convidava à reflexão e ao espiritualismo, mas por outro lado abria também espaço a iniciativas futuras (...)"



Nature's first green is gold

por Luís de Matos

“A escrever alguns pensamentos num caderno diário, tudo num tom marcado de início do dia, com o sol forte e dourado da manhã entrando pela janela. A aura de ouro não passa despercebida.”

Durante o tempo de confinamento tive a oportunidade de rever alguns clássicos a que não dedicava atenção há algum tempo. Entre eles o notável “Os Marginais” de Francis Ford Coppola.

Não vos venho falar do filme (que, aliás recomendo), nem do facto de ter sido a plataforma de lançamento de várias carreiras de êxito (como as de Tom Cruise, Patrick Swayze, Rob Lowe, Matt Dillon, entre muitos outros), o que mostra a sagacidade de Coppola ao escolher os seus protagonistas. Venho falar-vos da mensagem central do filme, inspirada por um curto poema escrito em 1923, que desvela significados novos, agora que o revisitei

O filme inicia-se com um plano em que vemos o protagonista - muito jovem - a escrever alguns pensamentos num caderno diário, tudo num tom marcado de início do dia, com o sol forte e dourado da manhã entrando pela janela. A aura de ouro não passa despercebida. Adiante iremos notar que a juventude e a sua inocência, afogada na violência e rebeldia criminosa dos gangs rivais, é associada a essa aura dourada. “Stay gold, Ponyboy, stay gold”, escreve Johny ao seu companheiro de gang poucos momentos antes de morrer. “Stay gold” é a mensagem central de “Os Marginais”. Mantém-te ouro. Mantém-te puro. Mantém-te original. Mantém-te incorruptível. Mantém-te jovem. Foi assim que sempre entendi esta poderosa imagem.

Esta noção do “Stay gold” é chamada ao enredo pela citação do poema que vos quero trazer aqui hoje. A dada altura os mais jovens do gang citam o poema “Nature's first green is gold”, de Robert Frost. Trata-se de uma jóia literária que valeu ao seu autor um dos 4 prémios Pulitzer que ganhou na sua vida. Robert Frost foi um dos poetas Americanos mais aclamado do século XX, autor, entre outros, do famoso “The Road Not Taken”. Neste “Nature's first green is gold”, Frost fala-nos dos primeiros raios do raiar da aurora, em que do negrume da noite surgem as cores desde os vermelhos vivos que se manifestam nos céus e nos objectos pela iluminação dourada da aurora. Não importa que a natureza seja verde, pois aos primeiros raios da manhã tudo é banhado a ouro, tudo reluz, tudo é dourado ainda antes de ser verde. “Nature's first green is gold”.

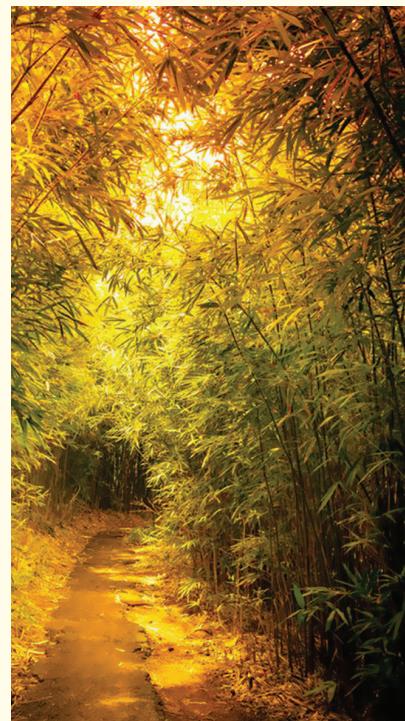
Vamos então conhecer o poema na beleza da sua língua original, vendo depois a sua tradução para português, necessariamente mais limitada.

Nature's first green is gold
Her hardest hue to hold.
Her early leaf's a flower;
But only so an hour.
Then leaf subsides to leaf.
So Eden sank to grief,
So dawn goes down to day.
Nothing gold can stay.

Em Português:
Ouro é o primeiro verde da natureza,
O tom mais difícil de fixar.
Sua primeira folha é uma flor em beleza,
Mas só para uma hora durar
Depois, a folha rende-se à folha,
A flor volta a flor.
Assim o Paraíso se afundou em dor.
E eis que brota o dia da aurora.
Nada que é ouro se demora.

Esta síntese admirável da lição “nada é permanente, nada fica, nada dura”, central a certos graus maçónicos, está aqui relacionada com o momento em que a luz brilha nas trevas e resplandece por sobre toda a criação. A referência ao “Paraíso” que “se afundou em dor” relaciona cada aurora de cada manhã com o momento da Criação. Também então tudo era ouro. Também então todas as possibilidades, todas as oportunidades, toda a história estava por fazer, tudo estava aberto, nas mãos daquele Adão dourado. Quando nos erguemos do sono, saindo das trevas interiores, abrindo os olhos, somos como a manhã, que sai das trevas da noite, dourada. Como Adão sem dor, em glória e ouro. Retemos essa qualidade imortal e podemos renovar-nos naquele mesmo dia, como se não tivessem havido dias anteriores. Todas as manhãs somos novos. Estamos renovados. Podemos ser o que quisermos ser. Somos Ouro. Aquele ser que desperta para a luz matinal é, ele mesmo, todas as possibilidades do mundo, tudo em aberto. Só quando “veste” a sua personalidade (Luis, Pedro, Paulo, etc.), só quando se queda consciente de quem é (ou julga que é), só então encerra as oportunidades, só então fecha os seus caminhos, só então resume as opções possíveis aos vícios e inclinações que marcam o ser exterior. Só quando se queda consciente fica inconsciente do ser em ouro que é. E designar o momento depois de acordar em que tomamos consciência de nós aqui (Luis, Pedro, Paulo, etc.) pela expressão “queda consciente”, é já obter uma preciosa chave. Efectivamente, a queda primordial de Adão é retomada todos os dia por nós. Caímos em nós em todos os despertares. Somos ouro, mas “Nada que é ouro se demora”.

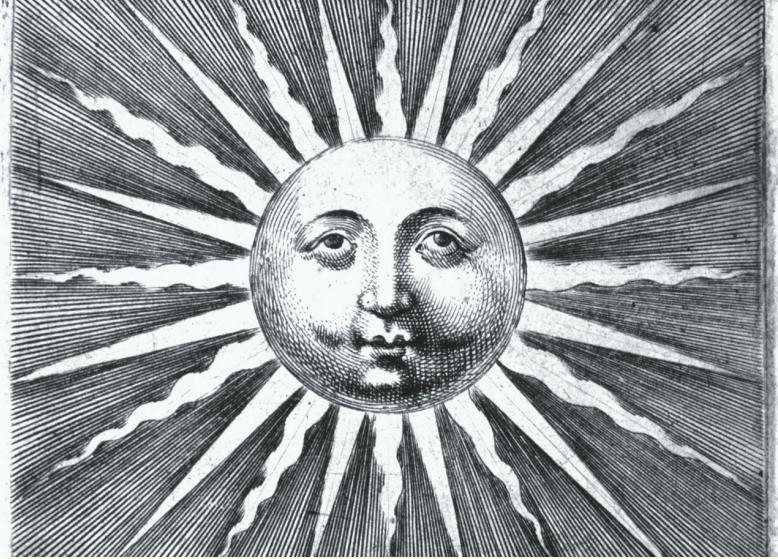
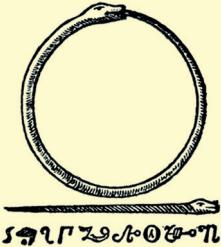
Retomemos o poema:
Ouro é o primeiro verde da natureza,
O tom mais difícil de fixar.
Sua primeira folha é uma flor em beleza,
Mas só para uma hora durar
Depois, a folha rende-se à folha,
A flor volta flor.
Assim o Paraíso se afundou em dor.
E eis que brota o dia da aurora.
Nada que é ouro se demora.



Tal como é inútil procurar fixar o tom dourado da manhã, pois o sol segue o seu percurso e as cores sucessivas vão ganhando vida, desde o negro da noite para a multiplicidade colorida do meio-dia pleno, assim também nos é deixado perceber que, sendo verdade que “Nada que é ouro se demora”, também e do mesmo modo “Nada demora o que é ouro”. E assim, tal como a manhã sucedeu à noite, uma tarde sucederá ao meio-dia, em imparável corrida até ao ocaso, pôr-do-sol inevitável, fim de ciclo, mas também fim de manifestação de múltiplas cores, regresso de todos os tons ao inflexível tom ouro. As folhas deixam de ser folhas e voltam a ser ouro. O céu já não é céu e volta a ser ouro. As caras são ouro. Os olhos são ouro. O sol some-se no horizonte, a luz tem o tom dourado. O pôr-do-sol recolhe no seu seio a multiplicidade cromática que regressa ao ventre solar, seu criador pela manhã. Com a recordação da manhã em esplendor, a tarde funde-se nas trevas da noite. Pela manhã, o ouro foi o primeiro verde da natureza. Mas não mais que uma hora. Tudo seguiu o seu curso. Tudo se finou. Tudo se reintegra.

O ouro é o último verde da natureza.
“Stay gold, Ponyboy, stay gold.”

“Stay gold, Ponyboy, stay gold.”



Talhar o Simples

por Bruno Neto

“Questionemos os sonhos, as direções, as vontades ou mesmo os timings, mas nunca questionemos os princípios da justiça, da equidade, da liberdade ou o de todos os dias lutarmos arduamente para sermos melhores”.

A nossa capacidade de nos recriarmos ao longo da vida faz com que haja frequentemente lugar à dúvida, aos processos de descoberta interna, aos marasmos das dúvidas sobre quem nós somos ou o que queremos ser. Ser aprendiz deverá ser um eterno grau para todos os seres humanos. É a atitude de sempre estarmos prontos para podermos receber mais uma lição de vida, um pequeno rastro ou pedaços de matérias que talhamos e que em nós permanecem como cicatrizes tatuadas a suor, a engenho e ao fabuloso mundo da relação entre falhar, aprender e crescer.

Graduei-me nas melhores universidades, mas nunca deixei de ser aprendiz, fui condecorado por um presidente da república, mas nunca deixei de ser aprendiz, todos os dias cresço e me torno um melhor profissional e melhor pessoa, mas só o consigo porque não consigo deixar de ser aprendiz.

A minha mulher partilhava comigo que em algumas filosofias orientais, depois de termos um cinto preto e de dominarmos as filosofias e artes marciais, o último e derradeiro cinto volta a ser o branco. E é aí que quererei sempre permanecer.

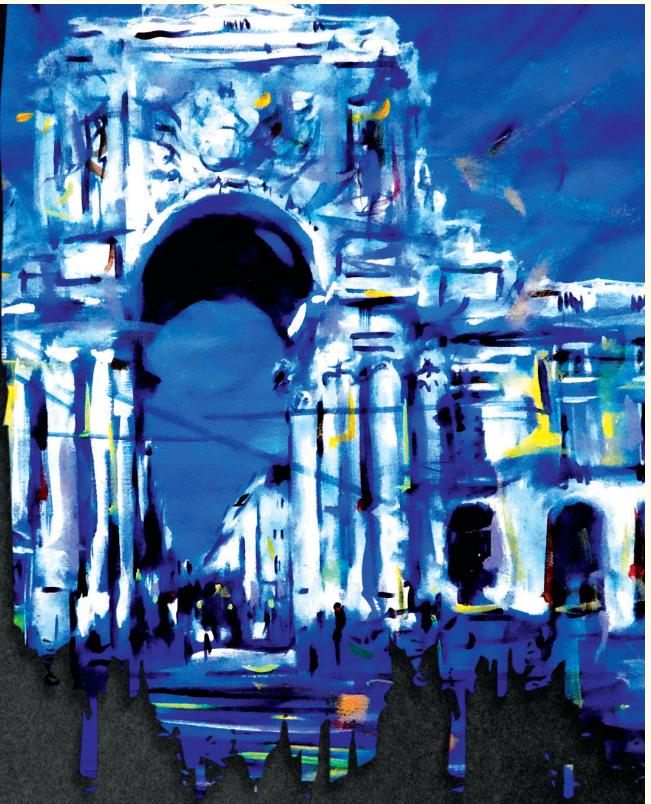
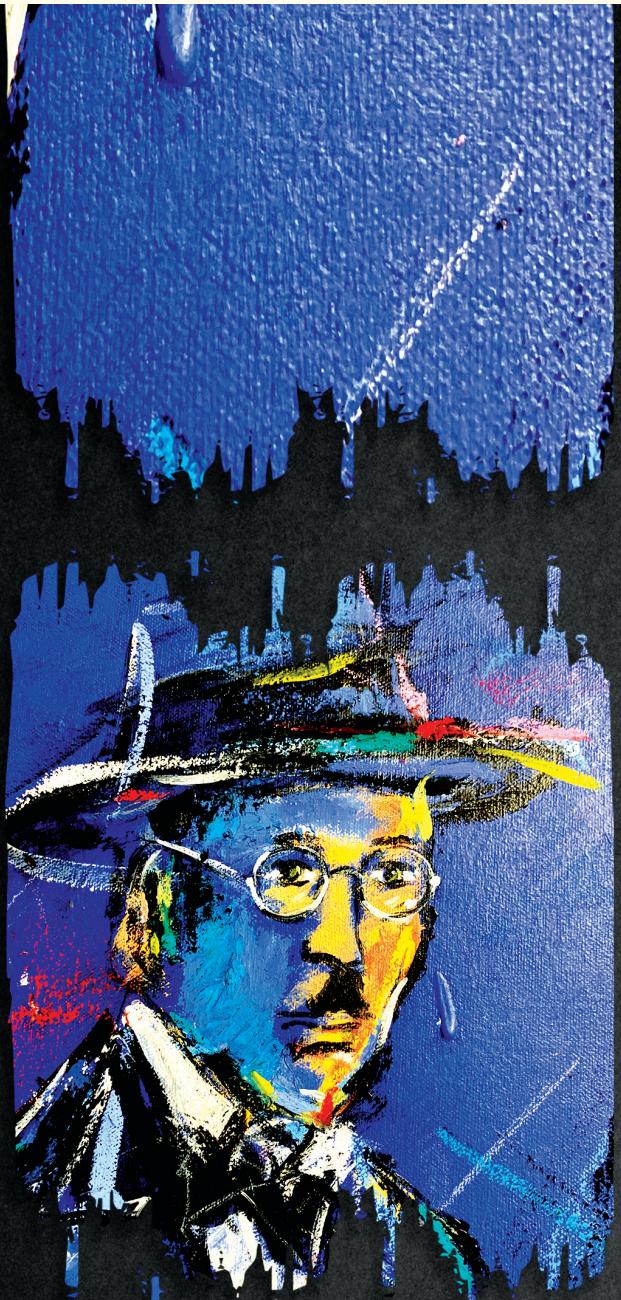
Não tenho quaisquer objetivos de ser maior do que aquilo que sinto que devia ser e hoje aqui me apresento a vós, sem alalias hierárquicas, sem o claudicar de ainda tanto errar como humano e quase nunca me sentir preparado para compreender o porquê da razão de cá estarmos, e é nessa constante busca etimologicamente religiosa que sei que sempre permanecerei. Mas sei também que sempre pintarei os quadros divinos com tintas sufísticas e elementos téreos de uma amálgama de especiarias do este, que fazem de mim uma rosa-dos-ventos que ainda hesita para onde apontar, mas que nunca perdeu ou quererá perder o sal dos elementos que nos mostram o norte.

“A existência que não contempla a questão, é o contrário de todas as respostas”. Questionemos os sonhos, as direções, as vontades ou mesmo os timings, mas nunca questionemos os princípios da justiça, da equidade, da liberdade ou o de todos os dias lutarmos arduamente para sermos melhores, para que o mundo nos refira ou nos lembre como humanos simples, honrados, humildes e bons.

Disse.

Bruno G. M. Neto
Companheiro Maçon
R.: L. Luís de Camões

“Prontos para podermos receber mais uma lição de vida (...)”

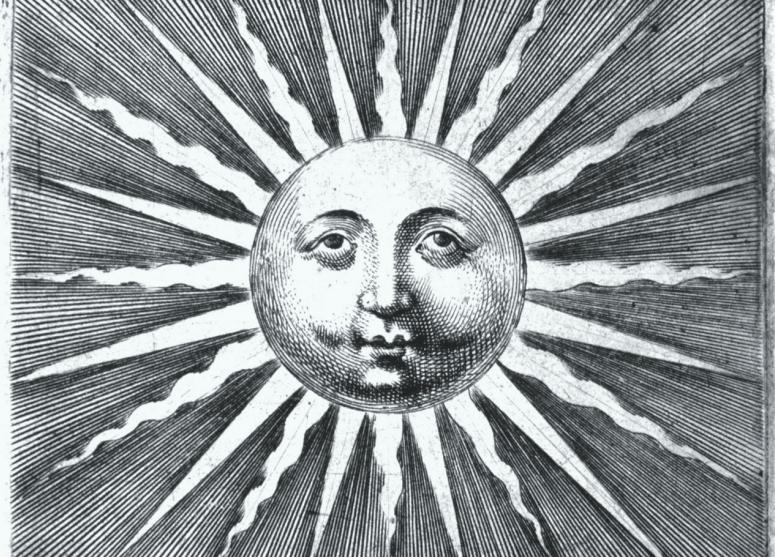
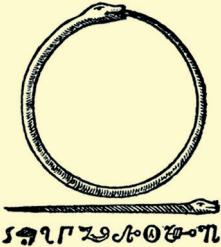


Xico Fran
Artista Plástico

Loja Online



www.xico-fran.com



Da Experiência da Iniciação

por Fred Antunes

“Até que este texto poderia ser um artigo vulgar. Ou, quiçá, uma deliciosa crónica lobo-antuniana. Mas na soberana natureza cosmogónica do ser, aliada a uma imperativa experiência divina, é inevitável navegar o corpo e a alma para uma redação intimista.”

Partindo do pressuposto Kantiano de que “a felicidade não é um ideal da razão, mas sim da imaginação”, sempre sonhei ser Maçom. E sempre conduzi a minha vida para o ser, ou, em última instância, para o merecer. Sem saber bem como, sem conhecer qual o percurso, o somatório de experiências e o desregramento incontornável somando uma absoluta necessidade de elevação e evolução levou-me a conhecer as pessoas certas. A derradeira provação foi, por isso, o merecimento.

Confesso que até hoje quase tudo na minha vida foi fácil. Suspeito que uma insaciável necessidade de aperfeiçoamento associada a uma determinação estóica claramente ajudaram. Contudo, este processo é diferente. Não apenas por se tratar de uma organização milenar; não apenas por ser composta por homens distintos e inebriantemente cultos; mas por, na derradeira essência, representarem na terra, o grande criador (a quem chamam arquiteto) do Universo. Com alguma legitimidade diria que a apreensão da razão de tal facto é para mim ainda um momento incógnito.

Todavia, no domínio emocional e intelectual fui educado, preparado, desafiado a superar o medo e avançar. E avancei. Disponibilizei-me totalmente para ultrapassar os defeitos convencionais de um típico português, entenda-se: o desrespeito pela pontualidade; o desacato nativo contestatário; o egocentrismo social; ou respirar com uma rebeldia constante. Óbvio que tirei e tiro proveito das qualidades típicas de quem nasceu neste único e virgem país a que chamamos Portugal, leia-se: a capacidade de contemplar e admirar a Natureza e toda a obra criada; a intrínseca e magistral aptidão para improvisar e o princípio de “amar finisterra”.

A propósito de finisterra, é incontornável não citar o meu professor e mentor Paulo Borges que, no ensaio filosófico “Do Finistérreo Pensar”, afirma e cito: “uma meditação sobre os limites e sua possível conversão em limiares, uma meditação sobre as fronteiras, não como linhas de separação e antes de passagem, uma meditação, enfim, sobre as regiões crepusculares, madrugantes ou vespertinas, da cultura, da experiência humana, do pensamento e do espírito”.

“O grande criador (a quem chamam arquiteto) do Universo.”

Com surpresa e um permanente desejo de aventura, com respeito e um comprometimento na obediência, podemos e devemos partir à descoberta. Mirar as linhas que definem a passagem de um lado ao outro e exacerbar, sem pudor, tudo o que podemos digerir, mesmo que desconfortável. Esperar que a cultura penetre a nossa pele e que nesse espaço verdejante floresçam momento de pura e saborosa felicidade. Infelizmente (e quero mesmo dizer infelizmente), para alguém que ama comunicar e interagir como eu, a iniciação é marcada pelo silêncio.

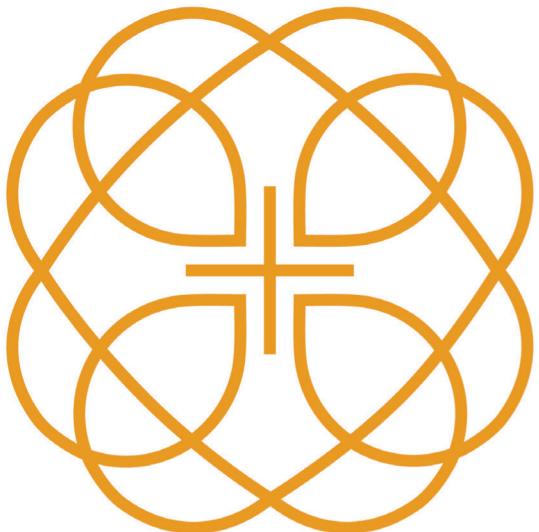
Tal como os Gregos definiam que o Homem só terminava a sua formação aos 40 anos e só a partir desse momento estavam aptos a passar informação aos seguintes, também aqui esta taciturnidade ensurdecedora é imperativa. E quanto eu sofro! E que difícil é! Não poder falar. Consciente do espírito missionário necessário reconheço que tal não poderia acontecer de outra forma. Afinal de contas, esta viagem finisterra tem como característica inata saber algumas ou muitas coisas no mundo profano, mas pouco ou nada no mundo sagrado e, verdade seja reposta: é no silêncio que todo o Homem se expõe e toda a arte se cria. Daria até que e não querendo saber de opinião contraditória, é no silêncio que espreitamos o outro lado; que entendemos e nos apercebemos do que não estava lá; e onde conquistamos a capacidade de explicitar o que não está escrito mas que o autor quis dizer. É como se saltássemos assim rapidamente para uma nova vida, numa sucessão de existência, para não mais voltar.

Engane-se porém quem pensar, com astúcia, que o salto é fácil. É escuro, sombrio, solitário e um tanto devastador. Critica intimamente o nosso ser. Autocritica-se, vá lá. Recusa-se. Protege-se. Renasce. E repetimos duramente o exercício enquanto somos pressionados a mudar. Nessa escridão que estimula a mudança, vive-se medo, dúvida, oscilação, objeção e até um tanto ou quanto pirronismo. Partilhar o espaço com quem já detém a verdade ou com quem, mais à frente do que eu, tem parte dela é genial. Diria significante ser aceite. Honroso. E questiono diariamente se desfrutei tudo o que podia. Evidente que não. Nunca desfrutamos de tudo. Desfrutamos apenas e só o que a associação entre consciência, subconsciência e inconsciência permitem.

Por fim, e numa nota final:

A poesia trespassa um sorriso escondido e olhar penetrante; de consideração notável e respeito vibrante; perturbador, com uma brida calma; num espaço-tempo infinito que timbra a alma.

Fred Antunes,
Aprendiz Maçon
R.: L.: Alexandre Soares dos Santos



Um Novo Rito

A criação de um novo Rito implica a tomada de decisões de caráter litúrgico sobre os seguintes pontos:

- a) Mensagem central e coerente a transmitir ao longo de um conjunto de graus;
- b) Mito de base que determinará a escolha de Alegorias, as quais darão consistência simbólica e filosófica aos graus;
- c) Alegorias que serão a base de cada grau;
- d) Tipos de Ritual necessário à composição do Rito (exemplo: abertura de Loja, iniciação, passagem de grau, instalação de Oficiais, etc.).





■ Fernando Pessoa em azulejos
na Estação do Rossio
Lima de Freitas

O complexo simbólico da nossa mito-história, de decisiva importância na construção do processo identitário da alma lusitana, surge como campo de abordagem inadiável, solicitando um aprofundamento e difusão implementado pelas nossas organizações.

Rito Português

Um Reflexo Identitário

por Fernando Casqueira

O que é um Ritual? O que é um Rito?

Os Rituais servem para disciplinar e regrar determinados movimentos, palavras ou actos que permitem a manifestação do sagrado. O conjunto desses rituais forma um Rito.

O complexo simbólico da nossa mito-história, de decisiva importância na construção do processo identitário da alma lusitana, surge como campo de abordagem inadiável, solicitando um aprofundamento e difusão implementado pelas nossas organizações.

Em virtude igualmente da valência ecuménica, insita, em tal complexo, surgiu a necessidade de se efectivar o Rito Português, capaz de traduzir de forma condensada a especificidade do ser português, a sua espiritualidade e o seu contributo para uma eventual harmonização de um processo de globalização, que se vem revelando iníquo e desajustado. Isto, de resto, vem abordado por inúmeros autores desde António Telmo, Cunha Leão, Dalila Pereira da Costa, Agostinho da Silva, Camões, Pessoa, Teixeira de Pascoaes e muitíssimos mais, em cujas obras as conceptualizações sobre o V Império e o Império do Espírito Santo, A Viagem, A Saudade, o Mare Tenebrum e as Finisterras, a Ressurreição e a Redenção Escatológica ou Salvívica.

Um reflexo identitário

Parece estar implícito, nas nossas representações mentais, a incontornabilidade e pertinência da fundamentação, estruturação e implementação de uma ritualística, caracterizada acentuadamente pela sua referência a Portugal, no seu devir pluridimensional da história, da sua especificidade mitológica, da sua filosofia, da sua ancestral espiritualidade e cultura. Seria completamente errado considerar-se estarmos afinal apenas perante uma hipotética reiteração, de um “rito português”, apenas tributário e isolado resultante, de mais um infeliz acto de segmentação, pouco coerente e disfuncional, de que a história da Maçonaria tem dado conta. Na verdade, o que se trata é tão-somente uma tentativa de lançar as bases para uma nova “Paideia Maçónica” (contra historicismos académicos, racionalizantes, plenos de verdade científica), integrando o complexo cultural português, definido e sublinhado nas suas tensões e questões, colocadas desde os primórdios, sobretudo em certos períodos do devir socio-histórico, muito especialmente assinalável nas gerações filosófico-literárias do sec XIX, as quais tentaram, em síntese, definir o problemático conceito de Portugalidade.



Um novo Rito

A criação de um novo Rito implica a tomada de decisões de caráter litúrgico sobre os seguintes pontos:

- a) Mensagem central e coerente a transmitir ao longo de um conjunto de graus;
- b) Mito de base que determinará a escolha de Alegorias, as quais darão consistência simbólica e filosófica aos graus;
- c) Alegorias que serão a base de cada grau;
- d) Tipos de Ritual necessário à composição do Rito (exemplo: abertura de Loja, iniciação, passagem de grau, instalação de Oficiais, etc.)

Cada Rito tem suas características particulares, assemelhando-se ou divergindo do outro em aspectos gerais, em detalhes, mas convergindo em pelo menos um ponto comum: a regularidade maçônica.

A Maçonaria tem uma imensidão de Ritos. Por exemplo, o Rito Escocês Antigo e Aceite, o Rito Escocês Rectificado, Rito de York, Rito de Emulação, Rito Schroder, Rito Brasileiro, Rito Moderno, Rito Adonhiramita, Rito Antigo e Primitivo de Mêmphis Misraim, Rito de Clermont, Rito Inglês Antigo, Rito Canadiano, Rito Sueco, Rito Inglês Moderno, Rito Filandês, Rito Austríaco, Rito Holandês, Rito Joanita ou de São João (Rito Hungaro), sendo que além do Rito Português, o Rito mais recente é Rito de Atlestan, curiosamente sob a jurisdição da UGLE - United Grand Lodge of England, surgido em 2005 e aprovado pelo College of Rites, Jurisdição Sul dos EUA em 2011 (o mesmo que aprovou o nosso Supremo Conselho do REAA).

Recordamos ainda a este propósito que, por exemplo, os ritos REAA, RER, Rito Emulação e o Rito Austríaco são também adaptações dos Ritos Antigos.

Nesta conformidade, configura-se a possibilidade de, dentro da adopção dos princípios gerais e universais dos requisitos da Maçonaria, afirmar uma diferença, afirmando-se uma corrente maçônica portuguesa, integrativa da nossa especificidade identitária. Enfim, afirma-se a possibilidade convergente, entre os valores, princípios e fundamentos da MAÇONARIA UNIVERSAL, com uma actualização ritualística que, penetrando fundo na nossa ancestralidade, alegoriza um devir específico, tributário e incontornável, para um maior enriquecimento e compreensão de uma cultura portuguesa e por maioria das razões de uma CULTURA EUROPEIA.

As asserções precedentes conduzem à problematização do conceito de "Identidade", por múltiplos pensadores que tem fornecido inúmeras pistas, em que se propõe diversas perspectivas actuais, em ordem a uma hermenêutica sobre a estrutura e funcionalidade de tal processo. Permanece por resolver a acesa controvérsia sobre a supremacia do Estado sobre a Nação ou vice-versa e, nesse aspecto, três linhas de pensamento teórico se questionam (Instrumentalista, Primordialista e Conciliatória), conferindo ao Estado ou negando o primado empírico deste sobre a Nação ou Identidade Nacional.

Isso remete a questão da "Identidade Nacional" para a recolocação da problemática Identitária, deslocando a discussão sobre o papel do ESTADO (tido para muitos, como indutor do sentimento nacional e fundamento da Nação), para a importância da existência de um sentimento prévio, de pertença, estabelecido muito antes do surgimento histórico do Estado-nação, sentimento muito mais amplo, difuso, ancestral, pré-existente ao estabelecimento da nação politicamente organizada. Tudo isso reunindo povos diferenciados, desde os quase míticos Serpes e Draganes (Conni, Cempsi, Celtici, Lucis, Lígures, etc), partilhando desde há muito a ideia de um território, também ele variado, mas identificado geograficamente como Ofusa, Oestreminium, identificável na faixa ocidental da Ibéria e mais tarde Lusitânia.

Diversos autores lançam a questão da possibilidade de, antes do aparecimento do ESTADO e para além das diferenças étnicas e regionais, ser possível deduzir e identificar uma matriz cultural comum (partilha de idênticos costumes, práticas, paisagens, mitos, deuses, crenças, etc.), primordial, na sua ancestralidade e que gradualmente se foi estabelecendo como pano de fundo, no inconsciente colectivo dos povos diferenciados, estabelecidos na FAIXA OCIDENTAL DA IBÉRIA. Entre os muitos exemplos de autores e pensadores que se poderia fazer

alusão, citemos apenas António Quadros (Portugal, Razão e Mistério) ou Dalila Pereira da Costa (Corografia Sagrada, Introdução à Saudade e Da Serpente à Imaculada).

Para esta autora, Portugal foi das nações que mais vivencialmente assumiu, desde o fundo dos tempos até ao século XX, a "Nostalgia do Paraíso" e consequentemente a angústia da "Queda", sentida como catástrofe, como ruptura entre o céu e a Terra, e entre o Homem e Deus, a qual condicionará a sua específica ligação ao mundo. A alma e a espiritualidade portuguesa integrarão constantemente esse sentimento, através dos tempos (re) formulando-o quer no pensamento quer na acção (música, literatura, artes plásticas, filosofia, poesia, mitologia, profecia, lenda, etc.). Mas seria sobretudo na atitude Mística que atingiria a mais perfeita formulação, em ordem á restauração da união perfeita do homem com Deus.

Esperança Messiânica, Nostalgia do Paraíso Perdido, reactualização da Harmonia Primordial, ainda será surpreendida na chamada Revolução de Abril, degrada nos seus dogmatismos, nomeadamente quanto á abolição do esforço de trabalho. Esse advento temporal, que um dia há-de vir, sem data certa, implicará a abolição do tempo e da história linear, a instauração do mito e do sonho, coexistindo com a resiliência e com a Saudade esperançosa. Assim uma abolição do tempo necessária e assinalado desde logo com a sacralização da história da Pátria, desde logo, a partir do Milagre de Ourique.

Assim sendo, é provável que as Teorias da Identidade Nacional, reflectidas nas teses Instrumentalistas, estejam demasiado fixadas numa perspectiva científica moderna, que subordina, algo redutoramente, essa hipótese, a um racionalismo de matriz cartesianiana e positivista.

Na esteira da referência acima, o Rito Português, na óptica Primordialista, é sensível ao apelo de uma ancestral visão TELÚRICO – ESPIRITUAL própria da antiquíssima MATRIZ INDO-EUROPEIA (e da vivência sacral da Natureza). Essa perspectiva é corroborável nas marcas profundas deixadas na paisagem, que por vezes associam a presença mítica de personagens bíblicas ou de heróis lendários (como NOÉ, JAFÉ, HERCULES, ULISSES, TUBAL, LUSO e outros) e ainda de entidades sobrenaturais e manifestações hierofânticas. Esses lugares, donde emana uma força telúrica mítico-espiritual, são considerados por vezes lugares sagrados (ou mágicos), ocorrendo neles celebrações cíclicas, percepções de

correntes telúricas e energéticas, que intermedeiam o contacto com o inefável e o não visível.

O RITO PORTUGUES, nesta perspectiva, transporta, por uma espécie de acção ANAMNÉSICA, a possibilidade de reencontro com as raízes espirituais do nosso património mítico – espiritual e que incorpora a natureza e a Paisagem: "a paisagem é aquilo que existe realmente em um individuo (...) não existe um EU sem Paisagem e não existe Paisagem que não seja a minha ou a tua ou a dele..." "A Paisagem são os íntimos lugares mágicos da Natureza que nasceram da relação espiritual do Homem com a Terra-Mãe, na qual se ergueram "MARCAS" monumentais apelando à nossa Reminiscência profunda que nos alimenta espiritualmente, remetendo necessariamente às longínquas origens e daí iluminando o futuro.

Essa relação reminiscente da Origem Primordial e Futuro, obviamente implica uma direcção, um caminho, um trajecto (no Rito Português e na nossa História, uma viagem iniciática, peregrinando pelas mais diversas circunstancias e lugares: marcas de Lugares Litolátricos, nas Paisagens, Igrejas, Mosteiros, Templos, nos Monumentos Arquitectónicos e Literários (Jerónimos, Cancioneiros, Lusíadas), História (Expansão Marítima), nas Crenças e nos Contos de Gestas e Aventuras, Mitemas (Espírito Santo, o Mare Tenebrum, a Demanda, a Peregrinação, etc). Estamos perante um riquíssimo acervo de saberes referenciais, que seria exaustivo e quase impossível de enumerar, referindo-se apenas que tudo isto constitui vasto campo de estudo, reflexão e aprendizagem, atualizável ciclicamente no complexo ritualístico e iniciático, em que se inscreve o Rito Português, o qual simbolicamente coloca a questão da direccionalidade do nosso trajecto viajante, o nosso peregrinar, como povo e como homens livres.

Sempre que se perdeu a direccionalidade, o Oriente, a direcção correcta (e Portugal e os portugueses, em certos períodos, perderam a direcção e sentido da viagem), surge porventura, a Imperatividade de um REGRESSO (a um passado) regenerador, INTROSPECTIVO, psicológico/Imaginal, ao PONTO MÍTICO/ONÍRICO DA PARTIDA, para voltar a partir (agora em "...naus construídas daquilo que os sonhos são feitos..."). Assim, torna-se possível, num acréscimo de consciência, assumir, recuperar e re-integrar os objectivos da nossa CAMINHADA, do nosso viajar, constituindo uma experiência única, intransmissível, peculiar do SER, que roça a magia, o misticismo, o onirismo, que implícitos nos mitos e expressos simbolicamente nos ritos, nos distinguem



e nos diferenciam, como PORTUGUESES, dentro do contexto humanístico e valorativo europeu. Conceitos complexos, específicos e exclusivos do nosso sentir e agir surgem intimamente ligados a tais conceções, nomeadamente o conceito de SAUDADE. António Quadros (Portugal, Razão e Mistério)... sustenta que algo de permanente, anterior de séculos e milénios, à constituição do Reino, explica e justifica a existência de Portugal (e do Rito Português) e por isso influi, impele e obriga o pensamento e a ação... muito para além dos desideratos políticos, mas também para lá das fronteiras geográficas... sendo certo que, essa razão íntima de ser, de pensar e de agir, RADICA NUM MISTÉRIO, que a cada passo nos cumpre considerar, sem a ilusão de realmente o desvendar. Nesta conformidade, Dalila Pereira da Costa, (Corografia Sagrada) tenta solucionar tal MISTÉRIO, quando propõe que desde as experiências xamânicas extáticas, arqueologicamente dedutíveis, desde o paleolítico superior, o povo que aqui entre nós ainda habita (os portugueses actuais), mostraram a permanência, sem solução de continuidade até hoje, a enorme sensibilidade e espiritualidade face ao complexo mítico da ascensão (vida, morte, transmutação), a valorização do ctónico, a ascensão celeste. Isso se revelará reiteradamente, independentemente da passagem dum primitivo ciclo materno-ctónico, ao patriarcal-urânico. Esta espiritualidade assumirá formulações mais sofisticadas ao longo dos tempos (mantendo, todavia, o essencial), no cristianismo (nostalgia do Paraíso) Medieval, ou do Renascimento e ainda detectável na esperança sebástica, no Quinto Império, até à Saudade dos nossos dias.

Vivemos actualmente um drama antropológico que se condensa num sentimento de VAZIO ou Vacuidade, de um estilhaçar dos sentimentos solidários e de pertença e sobretudo de deficit de sentido e possibilidade de acesso, ao do "mundo inteligível" (o "Nous" ou seja a dimensão inexprimível da Nature-

za onde residem os Arquétipos do Bom, Belo, Justo, Perfeito). Daí uma nova interrogação sobre o SAGRADO, contrapondo-se à religião Racionalista do mundo moderno e contemporâneo.

Não será por demais frisar que, na sua essência, a identidade nacional coloca em destaque o sentimento da necessidade de preservação das raízes e da tradição, na vida de qualquer colectividade, evocando a posse comum, de uma cosmovisão, de uma herança cultural e geográfica, onde emerge um complexo mitológico, periodicamente actualizável nas práticas rituais, transmitida de geração em geração ao longo da história social. Posteriormente, o papel do Estado (com resquícios a partir de João I e já notável com João II e seguintes), "actualizou" normativamente, os sentimentos étnico-nacionais, proporcionando uma potenciação gradativa, da consciência identitária e do sentimento de pertença colectivo, através de diversos instrumentos ao seu dispor como, por exemplo, na Administração e na Cultura (Arte, Arquitectura, Teatro, Literatura, Poesia, Educação, a Religiosidade e os imperativos Cívicos, da Moral e da Ética, constituindo uma coeribilidade das instâncias estatais, sem o que a Identidade deixaria de ser um poderosíssimo instrumento de integração, coesão e de acção proactiva. Todavia, até à época moderna, foi possível assinalar omissões graves neste complexo desiderato, tendo perfeito cabimento a asserção de Agostinho da Silva, quando referiu que "(Fernando Pessoa) morreu sem ter visto uma comunidade (de língua portuguesa) se formasse, como não a viram um Vieira, nem um D. Luís da Cunha" - e muitos outros, acrescentaríamos nós -, assinalando a cruel ironia na sua verdade indesmentível e que a expressão evocativa no final do Manual do Rito Português, reforça: a nossa Pátria é a Língua Portuguesa. Tal asserção é demasiadas vezes esquecida ou subvalorizada, tornando possível suspeitar, sobre o escasso entendimento teórico e estratégico, da importância crucial do papel da linguagem, sob o ponto de vista da nossa afirmação cultural e política e na estruturação de um pensamento português. Pensar Português significa, antes do mais, possuir cada vez mais sofisticadamente um instrumento organizador do pensamento chamado LINGUAGEM PORTUGUESA, no seio da qual se NOMEIAM ("dar nome") as coisas e se procede a uma forma específica de apropriação, de um modo muito particular de "ver o mundo" e de se relacionar com ele. Protagoni-

zamos o primeiro processo de globalização intercontinental, percepcionando-nos, como que investidos de um destino especial, que se reflecte em muitas obras de Arte e Poesia (Alcobaça, Batalha, Mafra, Os Painéis de São Vicente, Jerónimos, O Convento de Cristo Tomar, Fernando Pessoa, etc), nas lendas e nos mitos (Milagre de Ourique, O Império do Espírito Santo, o projecto Gibelino Templário e da Ordem de Cristo, a experiência da Expansão/Descoberta Marítima, o mito do Quinto Império, o Sebastianismo, a Saudade,etc.), integram princípios e valores que a nossa mito-história claramente revela e que é possível surpreender, nos princípios e valores espirituais que orientam a maçonaria Universal e igualmente no processo de simbolização e metaforização que o Rito Português implementa.

Aqui chegados, evoquemos a riquíssima corrente de pensamento filosófico-literário, enumerando alguns autores e correntes de pensamento, desde épocas mais antigas até à actualidade (Cancioneiros, Camões, Bernardim Ribeiro, Francisco da Holanda, Infante D. Pedro e outros), que constituem o nosso quadro privilegiado de referência, para estudo e meditação desta utopia maçónica que designamos de **RITO PORTUGUÉS**.

Assim evoquemos:

- Padre António Vieira, a Geração de 70, o Grupo de Cenáculo e os Vencidos da Vida, O Decadentismo e as Conferencias do Casino, a Renascença Portuguesa ("A Águia"), A Geração do "Orfeu", Sampaio Bruno, as Gerações Modernistas ("A Presença"), Movimento da Filosofia Portuguesa ("A Nova Águia"), até à actualidade, implicando variadíssimos pensadores (Agostinho da Silva, António Quadros, António Sergio, Eduardo Lourenço, António Telmo, Lima de Freitas, Gilbert Durand e o Eranos, Dalila Pereira da Costa, Pinharanda Gomes, Cunha Leão, Miguel Real e muitos mais que se torna impossível de nomear.

- O RITO PORTUGUÊS fundamenta-se nas reflexões e orientações nessa pléiade de estudiosos (que acima mencionamos), que geracionalmente se foram sucedendo, através da história, os quais, abordando uma "nova" perspectiva da História não reduitoriamente positivista, determinista e racionalista, buscando preferencialmente nas tradições profundas da espiritualidade humana, nos seus arquétipos, nos seus mitos e nas suas narrativas lendárias um fio condutor de um processo identitário, que para muitos se apresenta sem soluções de continuidade. O Rito Português resulta, pois, na sua configuração

necessária à ritualística maçónica, de uma opção transdisciplinar, aberta à complexidade plural do psiquismo e da cultura, num esforço de compreensão convergente, naquilo que existirá afinal de unitário no ser humano, ou seja, o seu específico imaginário profundo, mas reivindicando a sua conexão, mais geral, ao imaginário europeu. Assim, face ao complexo mitológico e simbólico da cultura portuguesa, integrando e actualizando um vasto potencial heurístico e interpretativo, acresce uma inestimável riqueza estética, cénica e teatral, nas inúmeras variações contextuais.

- O Rito Português na sua proposta fundamental identifica-se com uma abordagem Primordial ou Esencialista da Etno-Identidade, conciliando embora a perspectiva instrumentalista do Estado, que se vai estruturando gradativamente ao longo da história. Mas quando, com o poeta Fernando Pessoa, clamamos que "é (chegada) a Hora", sugerindo a mobilização geral de todos, individual e colectivamente, afirmando a exigência de agregar a essa mobilização, a linguagem/pensamento, de todos os falantes da língua Portuguesa, incluindo os protagonistas da sua diáspora. O poeta, constatava alguma inércia na passagem da potência ao acto, muito centrados na valorização de um passado glorioso (em confronto com a decadência actual), raramente transformando-o num poderoso motor positivo de acção futura. No quotidiano, o cidadão desvaloriza-se, inconformado com a redução de país limítrofe, igual a tantos outros, após o desaparecimento do império, ancorado doravante, definitivamente, a um retângulo Ibérico e com relações muitas vezes problemáticas, com os antigos territórios, agora autodeterminados.

Em síntese, o Rito Português, configura um pensamento imaginal e um discurso, metafórico e alegórico, com referência a um vasto acervo histórico, mitológico e arquetípico e que se foi actualizando num conjunto coerente de práticas ritualísticas inspiradas naquele. Naturalmente que as referências precedentes ao Rito Português estarão de alguma forma implícitas ou explícitas, nos manuais utilizados, nomeadamente no que se refere aos Graus Simbólicos, embora reflectam igualmente a inspiração nas tradições espirituais, filosóficas e científicas, de resto, inerentes a outros ritos, nomeadamente do R.E.A.:A.. .

Fernando Casqueira
Grande Perceptor da
Grande Loja Soberana de Portugal



“Quando ainda mal se ouviam os primeiros ecos do jazz em Portugal, alguns dos mais notáveis jovens artistas plásticos e ilustradores captaram-lhe a alma, sentiram-lhe o ritmo (...)"

■ "Abertura para o Jazz"
pintura
Xico Fran

Cromatismo do Jazz: 90 anos a desafiar as telas

De Stuart Carvalhais e Almada Negreiros a XicoFran

por João Moreira dos Santos

Recuemos, por um instante que seja, até aos anos 20, a Idade do jazz-band, como lhe chamou António Ferro, mimetizando a célebre jazz age de F. Scott Fitzgerald.

Quando ainda mal se ouviam os primeiros ecos do jazz em Portugal, alguns dos mais notáveis jovens artistas plásticos e ilustradores captaram-lhe a alma, sentiram-lhe o ritmo, adivinharam-lhe as cores e logo o plasmaram nas telas e nas páginas da Imprensa.

Essa elite estética foi, porventura, a primeira a ver no jazz mais do que uma “música infernal”. Mais até do que a materialização sonora da “hora preta”, termo que o cronista Fernando Pamplona utilizou para enquadrar na revista ABC a emergência de um género musical em que declarava sentir “a voz das árvores e dos macacos, a voz ébria, ruidosa, do sertão”. Não foi, porém, sequer original. Antes dele já o escritor Ferreira de Castro olhara para o neófito

como uma “música de selvagens, donde se levitam gritos de desbravadores de selvas, onde há mãos que rufam tambores como nos batuques africanos, mãos negras que tangem peles de veado distendidas sobre troncos ocos”. Tudo para o autor de A Selva declarar que “o jazz-band não tem a suave harmonia das músicas clássicas”.

Preconceitos à parte, nada senão a plasticidade do jazz e dos seus cultores parece ter interessado aos mestres da pintura que com ele contactaram nos nightclubs da Lisboa dos anos 20. No Bristol Club terá António Soares encontrado inspiração para “O charleston”, um óleo sobre tela datado de 1926. Para aquele mesmo club, trabalhava o jovem Stuart Carvalhais, que em 1925 pintou um guache sobre cartão cujo protagonista era um quarteto de músicos negros que, vestidos de vermelho e branco, acompanhavam um cantor branco vestido de preto... E depois, Almada



■ "Louis Armstrong"
pintura
Xico Fran

promotores, nomeadamente o autor deste texto, que em Março de 2007 o entrevistou para o blogue Jazz no País do Improviso, introduzindo-o na comunidade do jazz.

Pleno de fogo e de fôlego criativo, mundo dos seus cavaletes, das suas tintas, dos seus pincéis e de muitas telas, e animado por uma confessa comunhão musical, XicoFran seguiu no encalço do jazz, encontrando-o, um pouco por todo o país. Tomou-lhe a perspectiva em festivais, em concertos e em exposições, pintando-o ao vivo ou em atelier, e ilustrando livros e projetos. Acabou mesmo por introduzi-lo também na azulejaria.

Não foi, portanto, preciso muito tempo para que ambos se tornassem praticamente indissociáveis – talvez até sinónimos – pois o traço distinto de XicoFran capta, como poucos, os movimentos e a idiossincrasia do denominado “som da surpresa”, constituindo um convite à fruição de um género musical que mudou o panorama das artes do século XX. E assim, gradualmente, e sem outra nomeação ou investidura oficial que não o mérito próprio, XicoFran transformou-se num verdadeiro embaixador do jazz manifestado em cor e em forma. A sua já vasta obra honra e atualiza no presente o trabalho dos mestres que o precederam na longa história de mais de 90 anos de amor cromático entre o jazz e as artes plásticas.

Negreiros, que levou o jazz consigo para Madrid, onde o fixou para a posteridade num dos 12 painéis de estuque pintado que concebeu para a fachada e para o hall do prestigiado cinema San Carlos.

A estética do jazz apelou também aos ilustradores que davam então vida às capas e às páginas das principais revistas e jornais da época, como o ABC, A Situação, Domingo Ilustrado, Ilustração, Ilustração Portuguesa e O Século. Desenharam-no, satirizaram-no até artistas como Stuart Carvalhais, Jorge Barradas, Bernardo Marques, Emmerico Nunes e Rodolfo.

Indirectamente, XicoFran é, como poucos, herdeiro de todo este contexto plástico. Mas se o objeto artístico é similar, a leitura que dele fazemos é, contudo, radicalmente diferente. De facto, o jazz que surge nas telas de XicoFran já não é “esse nojento ‘batuque’ de pretos, esse ‘jazz’ infernal que em nós tudo movimenta e enerva, que tresanda a sensualismo o mais grosseiro”, como o descreveu Molho de Faria na década de trinta. Pelo contrário, é um jazz legitimado, porque no entretanto feito alta cultura pela intelectualidade europeia e pela UNESCO, que em 2011 lhe dedicou um dia internacional.

Foi esse jazz que conquistou, a partir de 2007, um lugar de destaque na obra de XicoFran, artista que se recusou, doravante, a ser um mero passageiro em trânsito. E não o podia ser pois envolveu-se artística e pessoalmente no universo do jazz, desenvolvendo amizades com músicos, com produtores e com

“Em todas as culturas antigas do mundo, a música sempre existiu em função de um ritual, da expansão da consciência e das mais profundas experiências humanas (...)"

■ "Chick Corea"
pintura
Xico Fran



Na exposição no Palácio do Egipto, que creio ser a mais ambiciosa mostra individual nacional dedicada ao jazz, encontram-se presentes os maiores vultos deste género musical, desde Louis Armstrong a Miles Davis, passando pelas vozes de Ella Fitzgerald e de Betty Carter. Sublinhe-se, sobretudo, a inovação introduzida por XicoFran, ao expor aquela que é uma das maiores telas jamais dedicadas ao jazz, em cujos cerca de 10 metros de comprimento cabem, sob o título “Encontros prováveis e improváveis do jazz”, vários ícones do jazz, incluindo músicos que tocaram juntos e outros que XicoFran congrega pela primeira vez. Vejam-se também a tela interativa – que debita som quando detecta movimento dos visitantes – o cadeirão gigante rotativo pintado por XicoFran e ainda o manequim, cujas peças de vestuário têm igualmente a assinatura do artista.

Em face do exposto, é de louvar, portanto, a ação cultural de XicoFran. Através dele, em parte, o jazz – essa gigante tela humanista e modernista que começou a desenhar-se no início do século passado – vai-se reinventando e perpetuando de geração em geração. Em parte, também, vai-se pendurando nos muitos lares anónimos, onde se instala como se fosse (e é-o) uma janela aberta que, da consciência mais esclarecida do presente, fita um passado que importa recordar em benefício de uma humanidade futura mais fraterna, solidária e consciente. E em parte, ainda, o jazz pode continuar a transpirar – para os que o veem e sentem na tela – os valores da linguagem universal, inclusiva e dialogante que é.



“Ray Charles”
pintura
Xico Fran

Biografia

João Moreira dos Santos é autor do programa radiofónico diário *Jazz a Dois*, líder de audiências da Antena 2, com mais de 800 episódios emitidos. Colabora na Imprensa há mais de 20 anos (Expresso, Blitz, Jornal de Letras, A Capital, etc.), no website norte-americano AllaboutJazz e em 2003 fundou o blogue Jazz no País do Improviso. É autor de 10 livros, representados nas coleções da Library of Congress, New York Public Library, British Library, Bibliothèque Nationale de France e nas bibliotecas das universidades de Harvard, Yale, Princeton e Columbia. Tem concebido e produzido musicais, exposições, cursos e roteiros culturais para instituições como a Assembleia da República, Biblioteca Nacional, Banco de Portugal, Centro Nacional de Cultura, Centro Cultural de Cascais e Teatro da Trindade. Criou também e produziu festivais e ciclos musicais de referência, incluindo o Allgarve Jazz e o Dose Dupla (CCB). O programa de divulgação que concebeu para o primeiro Dia Internacional do Jazz (2012) foi reconhecido internacionalmente pela UNESCO.

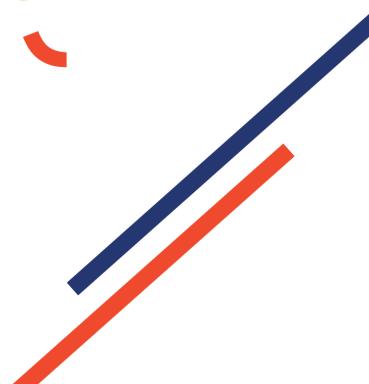


CR

creative thinking

brand
events
editorial
motion design
web & interface
visual arts

catarina redol | creative thinking
contacto: +351 91 620 84 44 | catarinaredol@gmail.com
[f](#) [in](#)





“Temos vindo a perder a capacidade de escutar e de sentir a música de uma forma consciente, quer pela quantidade de ruído que nos rodeia, quer pela forma como reproduzimos e ouvimos.”



Gravura
Mozart

Ouvir ou Escutar Música

por Vasco Lima

Numa época conturbada como a nossa, cheia de ruído e excesso de informação, comecei a perceber que talvez importe ouvir um pouco menos e escutar um pouco mais.

Permiti-me neste período utilizar o tempo para retornar aos meus discos e ao prazer de ouvir música e escutá-la com atenção, absorvendo e apreendendo as ideias melódicas e os subtextos musicais mais sutis dos vários géneros musicais.

Facto é que de imediato voltei a estabelecer uma relação de amor com a música.

Na natureza tudo vibra, todo o ser emite vibrações que são conjuntos de frequências que se propagam pela atmosfera em forma de ondas sonoras, por isso podemos dizer que a natureza canta a sua própria música para quem a consegue escutar.

Há sons nas ondas do mar, na chuva que cai, no sopro do vento, no canto dos pássaros e assim a natureza desperta o sentido musical no ser humano e incita-o a exprimir-se através de um instrumento ou do canto.

É por meio da música que o homem transmite espontaneamente os seus sentimentos e as suas sensações, os seus amores e alegrias e as suas experiências mais profundas.

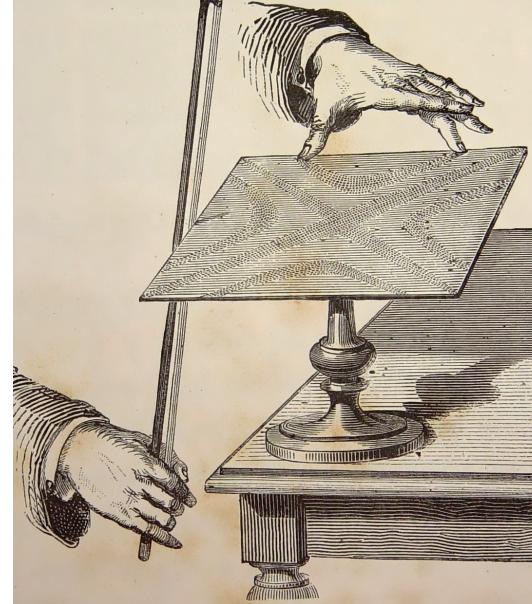
A música é uma respiração da consciência superior e é desta forma que se manifesta na terra, como um dos meios mais poderosos das artes, porque é imediato e instantâneo.

No mundo de hoje estamos cercados de música, no smartphone, no rádio do carro quando conduzimos, quando comemos, ao acordar de manhã ou de noite ao adormecer.

Mas temos vindo a perder a capacidade de escutar e de sentir a música de uma forma consciente, quer pela quantidade de ruído que nos rodeia, quer pela forma como reproduzimos e ouvimos.

Quando o fazemos, a nossa atenção e experiência auditiva é condicionada, os sons são percebidos como imagens registadas superficialmente e de uma forma frequente as pessoas reconhecem o tipo ou o estilo da sua música preferida e ao identificá-la, visualizam a sua própria posição social.

■ Gravura
Harmografo



O carácter do mundo dos sons e da música com o qual as pessoas se identificam é frequentemente idêntico ao seu estado interior, que já não depende da sua liberdade individual mas sim de uma conceção social, deixando na maioria dos casos de ativar os centros emocionais e o imaginário criativo.

A música traz-nos memórias e momentos mais ou menos felizes e transporta-nos para sensações de euforia, de alegria ou de momentos mais nostálgicos e amorosos, podendo, em certos casos, ter a capacidade de acionar os centros espirituais.

A música é uma força!

Cada som, cada vibração, produz movimentos no espaço e desencadeia forças extraordinárias no homem. É um instrumento de criação interior que permite modelar o pensamento e desencadear capacidades superiores.

Constituída por sons fantásticos, em todos os estilos e tendências, a música leva o ser humano a possibilidades emocionais extraordinárias.

Em todas as culturas antigas do mundo, a música sempre existiu em função de um ritual, da expansão da consciência e das mais profundas experiências humanas, a compreensão intuitiva desse significado é a condição prévia para se conseguir uma nova consciência auditiva em todos os tipos de música como a erudita, a música popular, o jazz, a música de vanguarda, e a música não europeia.

Poucos estudam Psicologia da Música, que ensina que os sons, todas as palavras e todas as vibrações agem sobre o ser humano e sobre a matéria, são leis da física. As ondas vibratórias criam linhas de força ativas que atraem partículas que vibram, projetam-se e fazem vibrar em sintonia corpos passivos. São estas linhas que determinam o traçado da geometria.

“Para quem conhece a linguagem musical, a abertura da ópera começa com três acordes em que a tonalidade fundamental é o Mi bemol Maior, considerada a tonalidade maçónica por excelência (...)"

Os sons que ouvimos, produzem em nós figuras geométricas que não vemos, mas o seu efeito no ser humano resulta nas múltiplas sensações associadas ao que escutamos.

Muitos autores desenvolveram nas suas composições estruturas harmónicas que levam o ouvinte numa viagem sensorial através do plano físico e emocional, completando o entendimento da subtilidade das suas obras.

Na música clássica, compositores como Mozart e Beethoven entre outros, tiveram uma contribuição enorme para a cultura ocidental e onde as suas inúmeras obras exaltaram filosofias Maçónicas cheias de simbolismo.

A relação de Mozart com a Maçonaria é conhecida e notória na ópera “A Flauta Mágica”, cheia de simbologia e cujo libreto foi escrito por Emanuel Schikaneder, também ele Maçom.

Encontramos uma analogia clara aos rituais de iniciação no percurso de autoconhecimento e realização pessoal de Tamino e Pamina e nas provas por onde passam.

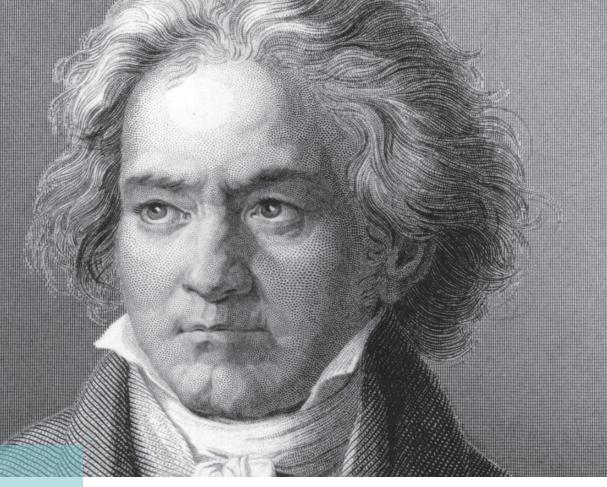
A questão simbólica dos números aparece por um lado de uma forma visível e evidente e outra apenas acessível aos que dominam tecnicamente a linguagem musical.

No primeiro caso, o número três, por exemplo, muito importante na filosofia e nos ritos maçónicos, é citado com frequência.

São três as Damas que salvam Tamino do dragão e três são os Meninos que o conduzem às três portas dos três templos.

Para quem conhece a linguagem musical, a abertura da ópera começa com três acordes em que a tonalidade fundamental é o Mi bemol Maior, considerada a tonalidade maçónica por excelência e ainda com três bemóis na armação de clave.

A ópera é baseada na corrente filosófica Iluminista e algumas das suas árias ficaram famosas, como o dueto de Papageno e Papagena, e as duas árias da Rainha da Noite.



Gravura
Beethoven

Beethoven é mais complexo.

Homem de personalidade explosiva, viveu com intensidade todas as ideias iluministas, que alcançaram o seu ponto mais alto com a Revolução Francesa.

Tinha uma relação muito próxima com amigos Maçons, como os escritores e filósofos Goethe e Schiller, mas não há nenhum documento que comprove que Beethoven pertenceu à Maçonaria.

No entanto, a filosofia e nos Ritos Maçónicos são evidentes na sua música, principalmente em duas de suas maiores obras: a ópera "Fidelio" e na 9ª Sinfonia.

Em "Fidelio", temos a narrativa do triunfo do amor e da liberdade sobre a prepotência e a tirania.

Na 9ª Sinfonia, encontramos um poema musicalizado para coro que celebra as virtudes do homem, a famosa "Ode à Alegria" ou "Hino da Alegria", escrito pelo Maçom Friedrich Schiller e hoje também o hino da União Europeia.

Outros compositores e novas filosofias surgiram, entre os quais, Gustav Mahler com a sua gigantesca Oitava Sinfonia, onde na segunda parte da obra, no canto de encerramento fez um arranjo musical sobre as palavras do Fausto de Goethe que sugere que todo o universo entoe e cante "Os sóis e os planetas giram", e apresenta a base da unidade comum da obra musical como sendo a redenção através do poder do Amor.

Maurice Ravel incluiu no seu famoso Bolero a monotonia mágica em busca de uma "estática do tempo", desejando a atemporalidade a qual pertence ao domínio do mágico.

Claude Debussy foi muito influenciado pela filosofia Budista, a relação com poetas com quem conviveu, designadamente com Baudelaire, que também partilhava a admiração pela cultura oriental, influenciou toda a liberdade e inovação tonal que desenvolveu, patente no poder evocativo dos seus três "Noturnos". Foram ambos compositores impressionistas fortemente influenciados pelo irreverente compositor Erik Satie que foi o inventor da música ambiente e de várias obras das quais podemos destacar as três "Gymnopédies". Pertenceu à Ordem Rosa-Cruz francesa e promoveu a corrente Vanguardista e Modernista.

No Jazz, o componente mais importante, para além da improvisação, é o aperfeiçoamento de um dado tema através da criatividade livre do próprio músico.

Ornette Colman ou Cecil Taylor faziam "Musica Livre" muito antes que a vanguarda a descobrisse.

John Coltrane foi o criador da nova música espiritual americana. Durante toda a sua vida, a música não pôde ser nada além da improvisação ou seja, o processo criativo imediato e instantâneo como parte da criação. Tocou e colaborou durante muito tempo com Duke Ellington, importante músico da história do jazz e reconhecido Maçom.

O Jazz é uma música mundial e integral, cujos princípios e pais espirituais se desenvolveram dentro da música clássica que tem como condição prévia a espontaneidade intuitiva.

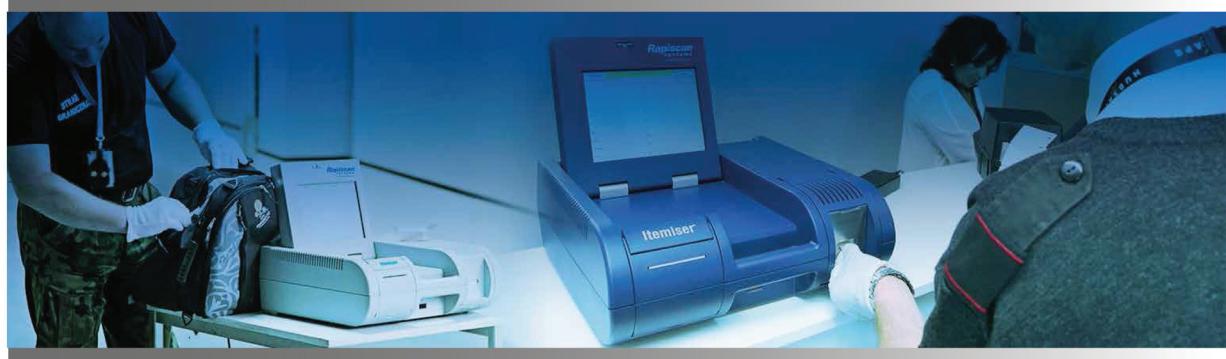
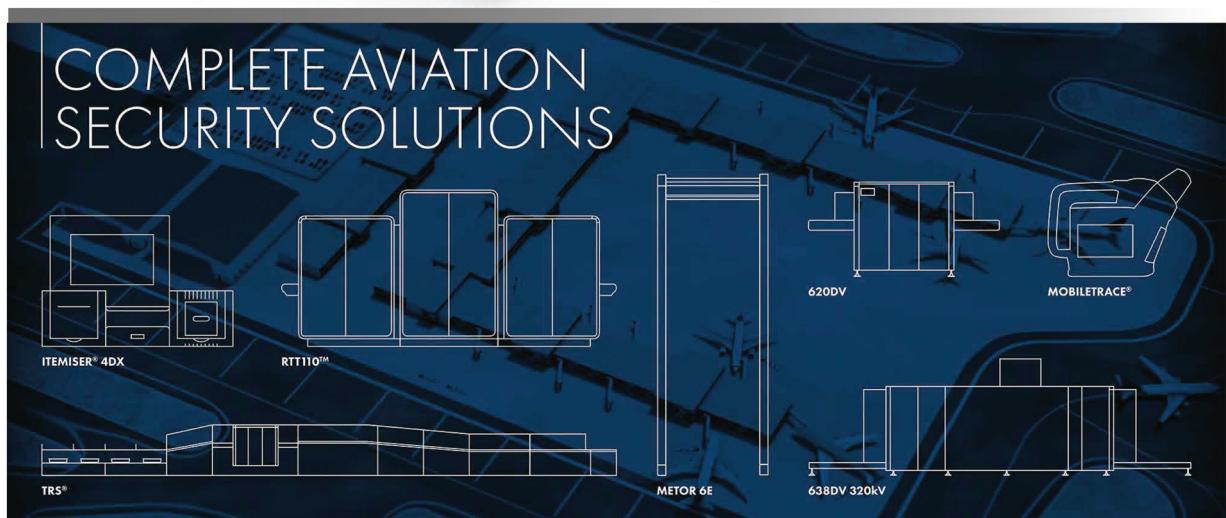
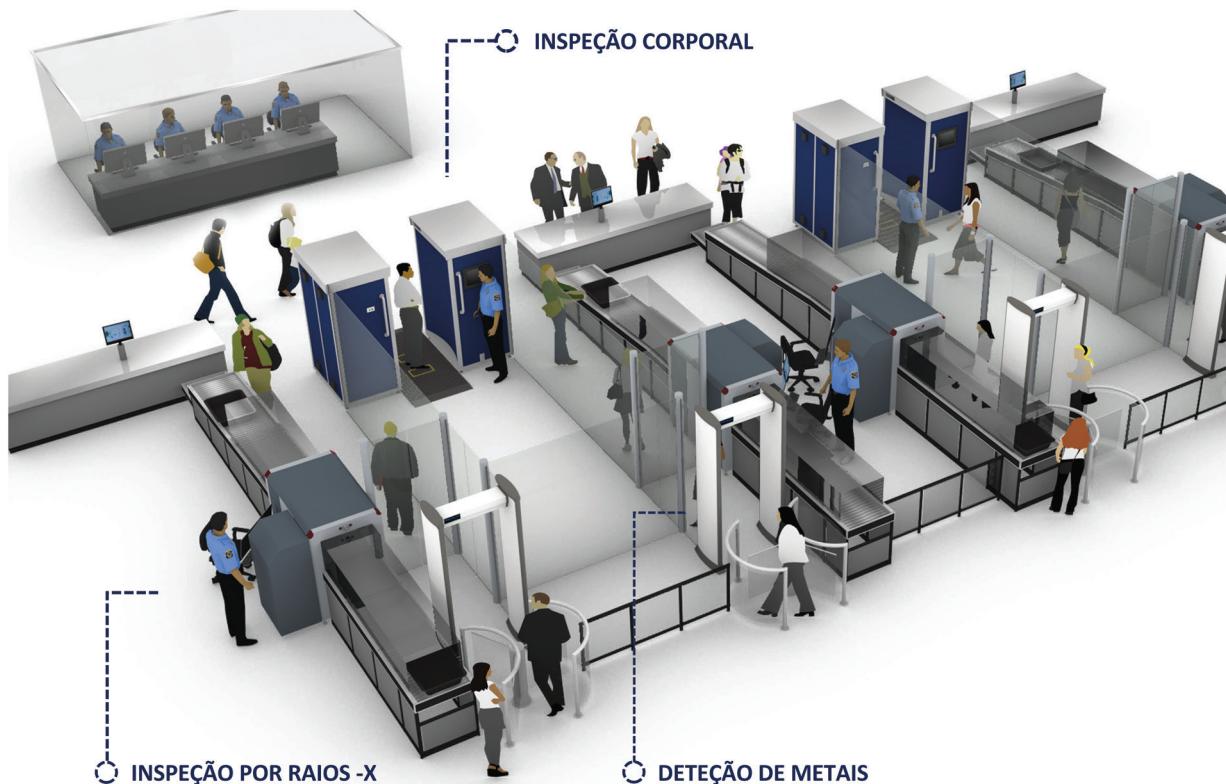
A música na sua diversidade e independente do estilo, quando escutada e sentida de forma consciente e atenta é uma poderosa ajuda para a realização interior, podendo produzir grandes transformações no Ser Humano.



Fotografia
Eric Satie



Dream the Future, we protect the present



“O autor emerge na historiografia do pensamento português sobretudo como pensador de uma “Patriosofia” enquanto hermenêutica de uma assumida razão de ser – criacionista e teleológica – de Portugal (...)"



Portugal, Razão e Mistério

a Magnun Opus de António Quadros
por Paulo Toste

A obra que vos venho apresentar é Portugal, Razão e Mistério – a trilogia, de António Quadros, numa edição da Alma dos Livros em parceria com a Fundação António Quadros.

Antes de abordar a obra, considero importante apresentar o seu autor. António Quadros foi filósofo versado nos caminhos da Estética e, mais vincadamente, da Filosofia da História. O autor emerge na historiografia do pensamento português sobretudo como pensador de uma “Patriosofia” enquanto hermenêutica de uma assumida razão de ser – criacionista e teleológica – de Portugal, em que residiria um “projeto áureo” e ecuménico de “realização da humanidade”, tal como o autor o chamou em Portugal, Razão e Mistério (1986: 17). Orientada por coordenações escatológicas e uma teodiceia de matriz cristã, e baseada numa Filosofia do Movimento entendido enquanto “libertação do potencial do ser” (apud Braz

Teixeira, 2000: 320), que reflete uma antropologia e uma cosmologia de cunho existentialista (mas não imanentista), a Filosofia da História de António Quadros tem como referências magistrais e/ou dialogantes – no pensamento português contemporâneo – Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra, Fernando Pessoa, Delfim Santos, figuras do designado Grupo da Filosofia Portuguesa (ao qual pertenceu) tais como Álvaro Ribeiro e José Marinho, e Agostinho da Silva. A leitura simbólico-mítica e arqueológico-arquetípica da arte, da história e do pensamento portugueses é a principal vertente metodológica do pensamento de António Quadros, assentando numa Filosofia do Mito contrária à historiografia positivista e à redução literalista das fontes da cultura nacional, nas quais estaria cifrado o autêntico espírito da pátria bem como o seu destino supratemporal.

A primeira edição de Portugal, Razão e Mistério foi publicada por António Quadros em 1986 (o Livro I: Uma Arqueologia da Tradição Portuguesa) e em 1987 (o Livro II: O Projecto Áureo ou o Império do Espírito Santo). Doze anos depois foi publicada a segunda edição (póstuma) da obra, em 1998 (Livro I) e em 1999 (Livro II), por iniciativa da família de António Quadros e de Francisco da Cunha Leão. Portugal, Razão e Mistério – a trilogia foi lançada no passado dia 21 de Março, data em que se completaram 27 anos sobre a morte do seu autor. Não será correto dizer que se trata de uma terceira edição da obra, já que aos dois volumes previamente publicados (com edições esgotadas) se adicionou o inédito Livro III, «O Cálice da Última Tule» que, embora incompleto, se reveste do maior interesse. Esta nova edição é, ainda, enriquecida com uma Nota Prévia de Joaquim Domingues, um Posfácio de Pedro Martins, uma Reflexão de Pinharanda Gomes e, finalmente, a entrevista que António Quadros concedeu a Antónia de Sousa em Março de 1993, entrevista essa que viria a ser publicada no Diário de Notícias no dia 11 de Março de 1993, 10 dias antes da sua morte.

O que confere unidade à obra de António Quadros é o propósito de determinar uma razão de ser para Portugal, fundindo «memória de origens e saudade do futuro», um futuro que generosamentecreditava estar reservado ao advento do Espírito Santo, assumindo-se aí Portugal na sua teleológica razão de ser, agente principal de um projeto áureo de realização espiritual da humanidade. Na minha opinião, é em Portugal, Razão e Mistério que esse propósito é expresso de uma forma estruturadamente completa e unificada, pelo que considero que constitui a sua Magnum Opus, ainda que algumas das perspectivas

nela abordada se encontrem mais aprofundadas em outras das suas obras. O Livro I (Uma Arqueologia da Tradição Portuguesa) divide-se em três partes. Na primeira, Introdução ao Portugal Arquétipo, o autor aborda a herança de símbolos e arquétipos que confluem para o arquétipo do Homem Português. Na segunda parte, A Atlântida Desocultada, discorre sobre a civilização megalítica em Portugal e as raízes atlantes e lusitanas do Português, para, na terceira parte, O País Templário, refletir sobre o projeto templário sobre o qual assenta a fundação e consolidação inicial de Portugal como Nação. O Livro II (O Projecto Áureo ou o Império do Espírito Santo) divide-se em duas partes. Na primeira parte, o Império segundo Dinis e Isabel, introduz as teorias de Joaquim de Flora, as festas do Espírito Santo como expressão do Império Universal do Mundo, o Quinto Império liderado por Portugal, e a Ordem de Cristo, sucessora da Ordem dos Templários em Portugal. Na segunda, o Império segundo Avis, aborda a epopeia dos Descobrimentos, e interpreta de forma aprofundada e segundo diferentes planos os Painéis de Nuno Gonçalves, nomeadamente como expressão da “Religião de Avis”, da Terceira Idade de Joaquim de Flora, do Quinto Império da profecia de Daniel ou da Sétima Idade do Mundo na cronologia de Santo Agostinho. O Livro III (O Cálice da Última Tule), que ainda não li, divide-se em duas partes. Na primeira parte, o Conhecimento Histórico e a Razão Estética, antecipo com interesse a reflexão sobre a história como ciência positiva ou conjugação filosófica de saberes e sobre a razão estética e o imaginário simbólico e mítico, bem como a transposição “prática” para o caso Português, na segunda parte: Portugal, Promontório Sacro.

“O que confere unidade à obra de António Quadros é o propósito de determinar uma razão de ser para Portugal, fundindo «memória de origens e saudade do futuro»(...)”





Os Desafios do Antropoceno

por João Gonçalo

O nosso Planeta entrou numa nova era geológica. Chamam-na de Antropoceno e é definida pela influência do homem em todos os ecossistemas do planeta. E os desafios do Antropoceno não são apenas ambientais, mas também espirituais, particularmente nesta nova era digital em que cada vez menos forças ancoram o Homem, a reaproximação à proteção da natureza pode ter o potencial de unir toda a humanidade num desígnio global.

“O que tem mais tem variado é o ritmo no qual as mudanças acontecem, ritmo esse que tem acelerado a cada momento.”



O ser humano é um ser em constante mudança. Foi essa mesma mudança que impulsionou o nosso processo evolutivo e tudo indica que para sempre será parte do nosso ADN. No entanto, o que tem mais tem variado é o ritmo no qual as mudanças acontecem, ritmo esse que tem acelerado a cada momento.

Nos últimos séculos e, em particular, nas últimas décadas, as sociedades humanas têm crescido exponencialmente em complexidade. Aliado a esse fenómeno temos testemunhado um processo de urbanização sem precedentes. Desde 2007 que mais de metade da humanidade vive em áreas urbanas e esse número só tende a aumentar.

Paralelamente a esta tendência é intrigante verificar a aumento da prevalência de doenças mentais como a ansiedade e a depressão. Estas desordens têm-se difundido como uma verdadeira epidemia e sabemos que, em grande parte, contribuem para os elevados níveis de suicídio, um verdadeiro flagelo das sociedades contemporâneas. Os números são chocantes: atualmente, morrem mais pessoas por suicídio do que por guerras e desastres naturais combinados. Em tempos de pandemia, tem sido reforçada a percepção de que a saúde mental se trata de um problema sério que necessita de destaque e soluções à medida. É por isso importante entender este fenómeno e tentar perceber qual as suas causas.

Os cientistas afirmam que o afastamento da natureza pode ajudar a explicar a correlação entre urbanização e doenças mentais, tal como descrito no estudo "Nature experience reduces rumination and subgenual prefrontal cortex activation" conduzido por Gregory N. Bratman, da Universidade de Stanford. Nesta publicação, demonstrou-se que os sujeitos que participaram numa caminhada de 90 minutos num ambiente natural (em oposição aos outros que o fizeram num ambiente urbano), viram a sua atividade cerebral decrescida no cortex pré-frontal subgenual. Esta área do cérebro é aquela cuja hiperatividade gera um processo chamado ruminação, no qual o sujeito experiente a sensação de ficar preso em pensamentos incômodos, relacionados com situações passadas ou preocupações futuras. Para além de influenciar negativamente o nosso bem-estar psicológico, este processo está na origem de grande parte das desordens mentais que assolam sobretudo as populações urbanas.

"Os cientistas afirmam que o afastamento da natureza pode ajudar a explicar a correlação entre urbanização e doenças mentais (...)"



O corpo e a mente humana parecem sentir uma espécie de ressonância com ambientes naturais. Na sua “Hipótese da Biofilia”, o cientista americano E. O. Wilson, conhecido como “o pai da sociobiologia”, teorizou que os seres humanos possuem uma afinidade e uma tendência inata para procurar e estabelecer ligações com a natureza e com os seres vivos no geral. O facto de, em grande medida, termos escolhido animais e plantas como símbolos de países e mascotes de organizações e clubes de desporto, por exemplo, é apenas mais um argumento a favor desta hipótese.

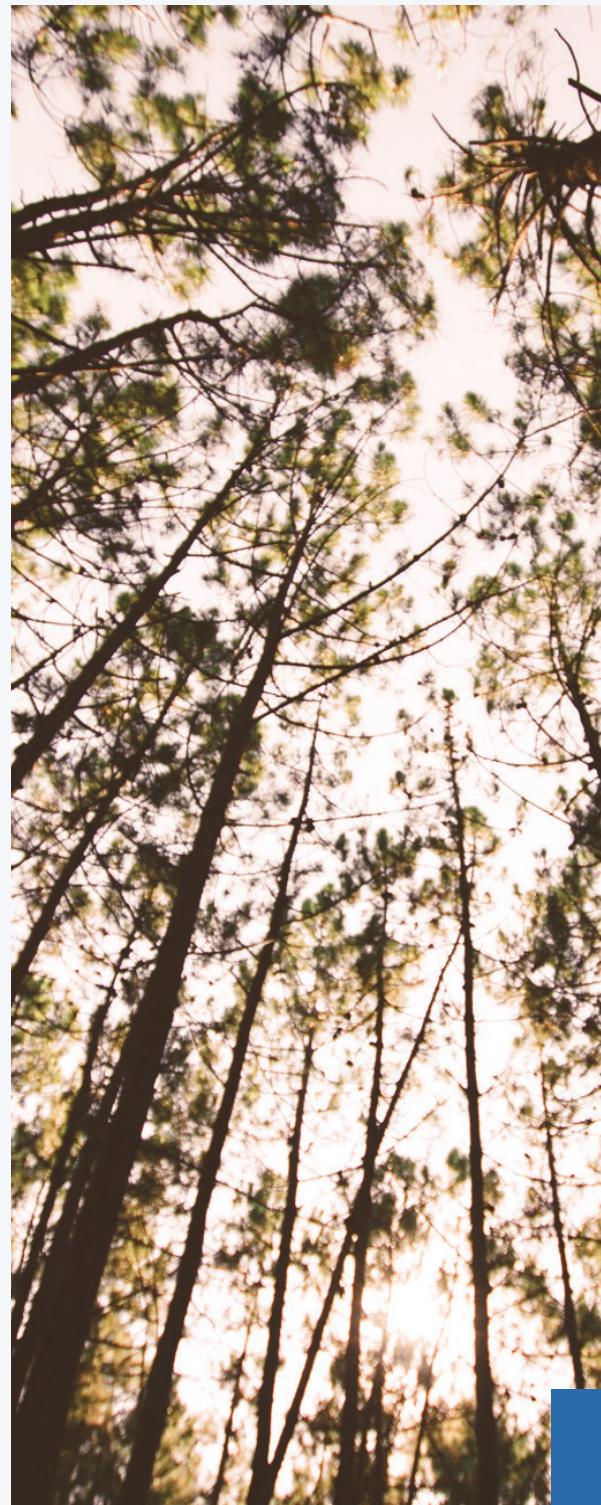
Podemos considerar o surgimento das primeiras civilizações, há 12.000 anos (cerca de 500 gerações atrás), como o início do processo de afastamento do ser humano dos ambientes naturais. Ao fazermos as contas, notamos que, durante 94% do período de existência da nossa espécie, toda a humanidade viveu completamente rodeada e imersa na natureza. Esta escala temporal faz nos refletir sobre o facto de que o nosso corpo e mente não foram evolutivamente selecionados para os estilos de vida que tomamos atualmente, o que em parte pode explicar os diversos desequilíbrios físicos, mentais e espirituais que experienciamos hoje numa larga escala. Neste contexto, cada vez mais tem sido realçada, não só a importância da conservação das áreas naturais nativas, como também da promoção de parques, jardins e outras zonas verdes dentro das cidades. Deste modo, poderemos usufruir dos benefícios do contacto com a natureza, não só no seu estado mais natural como em pequenos refúgios contidos no nosso “habitat urbano”.

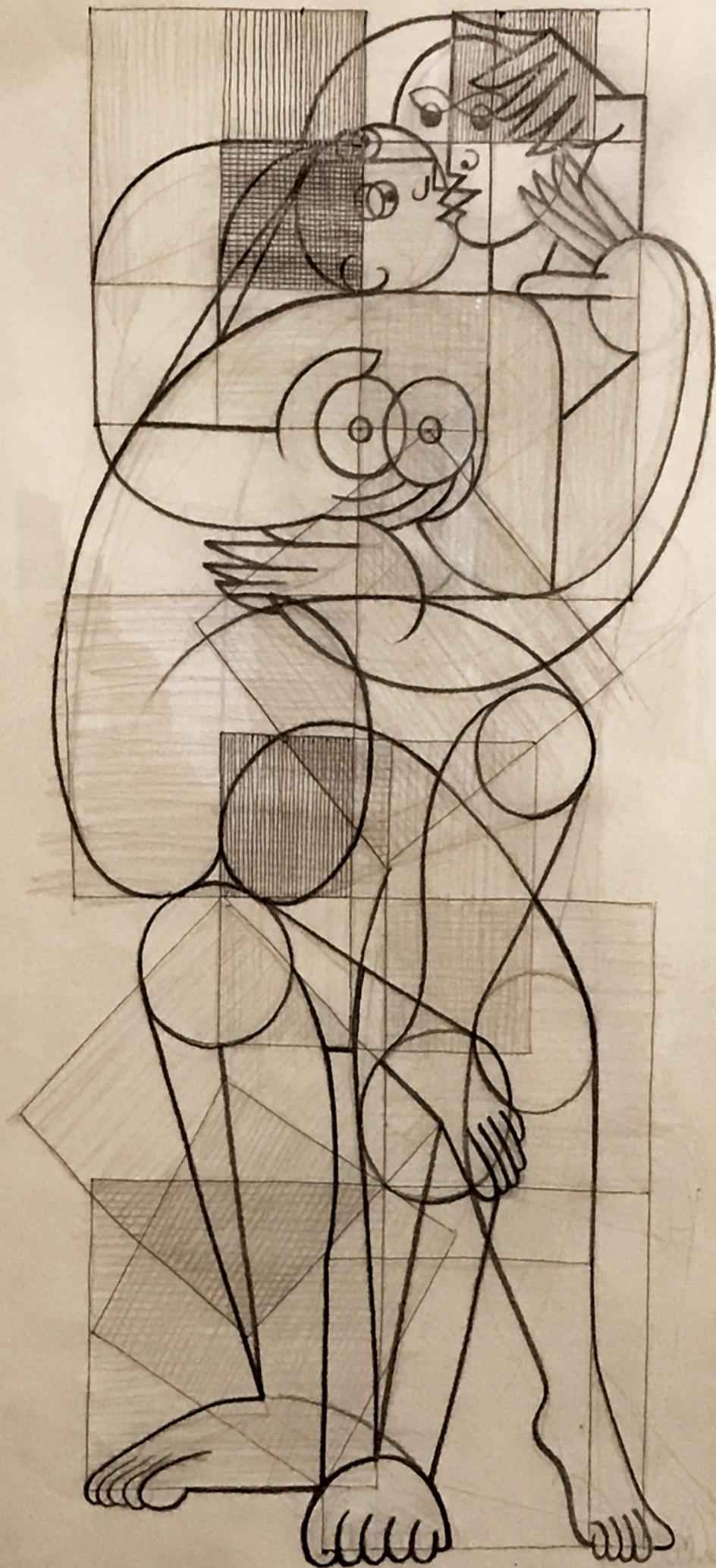
“O homem não tem conseguido gerir o seu impacto na Terra.”

“Os desafios do Antropoceno não são apenas ambientais, mas também espirituais.”

Contudo, apesar dos comprovados benefícios de uma boa relação com o mundo natural, o homem não tem conseguido gerir o seu impacto na Terra. Após terem sido descobertas partículas de plástico a 2 metros de profundidade na Antártida, um grupo de cientistas, entre os quais Paul Crutzen, Nobel de Química, consideram ter compilado suficientes provas para declarar que o nosso planeta entrou numa nova era geológica. Chamam-na de Antropoceno e é definida pela influência do homem em todos os ecossistemas do planeta.

Os desafios do Antropoceno não são apenas ambientais, mas também espirituais. Neste início da era digital, em que cada vez menos forças ancoram o homem, a reaproximação e consequente proteção da natureza têm o potencial de unir toda a humanidade num designio global. Cuidar do nosso Planeta é nutrir em nós um sentimento de pertença que pode ser partilhado por todas as pessoas à face da Terra. Talvez, antes de transformarmos a nossa história, fundindo o nosso cérebro com computadores e partindo para a colonização interplanetária, devêssemos transformar a nossa relação com a natureza, o útero que nos trouxe à vida e nos viu crescer.





Almada Negreiros

O Pintor do Descompasso

por Fernando Correia

José Sobral de Almada Negreiros é parte integrante da história da cultura portuguesa e, ele próprio, por si e pelo seu talento, é cultura.

Nasceu, desalinhado das convenções e dos dogmas, em São Tomé e Príncipe, na Trindade (Roça da Saudade) no dia 7 de Abril de 1893 e caminhou no tempo, entre Lisboa, Paris e Madrid, sempre pelo querer e pelo não querer da sua arte, da sua cultura, do seu espírito lutador que o obrigava a viver entre a transgressão e a provocação, com alguma agitação pelo meio, mas com a certeza do que precisava e desejava ser.

Era um homem de querer e fazer e era um desenhador da palavra colorida, como atesta o seu perfil de integração na arte modernista e futurista, um bom prenúncio para toda uma vida polvilhada de independência que havia de cessar a 15 de Junho de 1970, no hospital de São Luís, por ventura do destino, no mesmo quarto donde tinha partido, para o Oriente Eterno, Fernando Pessoa.

Almada era o desenho, era a pintura, era o romance, era a poesia, era a dramaturgia e era Sarah Afonso, o seu amor derradeiro numa vida de paixões.

Almada era também o espírito, na sua caminhada fraterna pela igualdade, liberdade e lealdade, num assento de loja maçónica que influenciou decisivamente a sua vida.

Almada Negreiros foi igualmente a expressão mais justa da cultura, libertando – a do espectro político que era orientação ao tempo, defendendo sempre que tinha de haver uma total independência entre a arte e a política.

A revista "Orpheu", que tanta história guarda, deu-lhe o aval da autenticidade cultural a que apenas os eleitos tinham direito e lutou, com ela, para tirar Portugal do seu descompasso histórico e limitativo, no sentido de acompanhar os movimentos artísticos e culturais europeus.

Tudo em Almada é notável desde que publicou os seus primeiros desenhos em 1911, passando pela "Sátira", pela "Paródia", pelo "Manifesto Anti-Dantas" que só podia resultar de um talentoso desalinhado, e pelo "Nome de Guerra" que em 1925 contribuiu para que Almada desse um passo na direcção necessária, com a finalidade de se encontrar a si próprio.

Mas para a história fica o seu retrato de Fernando Pessoa, pintado em cores de profunda admiração e respeito no ano de 1954.

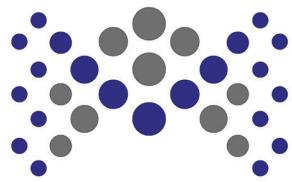
Almada Negreiros escreveu para a vida, para o futuro e para que a história o traduzisse melhor as seguintes palavras de ajuda: "(...) Faço por confundir a minha sombra comigo: estou sempre às portas da vida, sempre lá, sempre às portas de mim (...)"

Certamente deu-se a conhecer melhor com este pensamento que contribuiu para que conquistasse a imortalidade.

“Corrente de União”

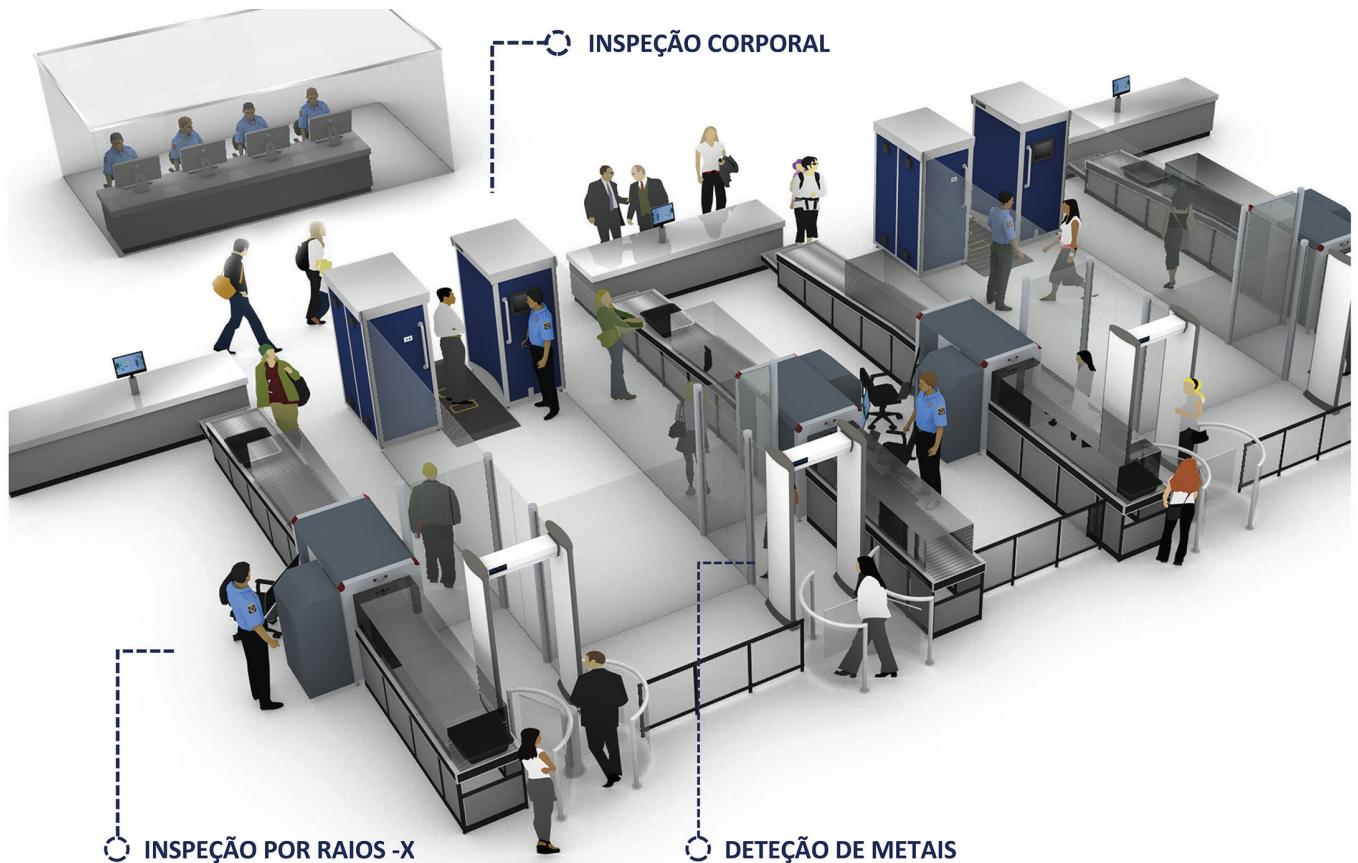
por XicoFran





Grupo
MICROSEGUR

Dream the future, we protect the present



Soluções de Engenharia de Segurança



www.microsegur.pt

